GALERIA TEOLÓGICA
Revista Teológica Online
galeriateologica.flt.edu.br

Faculdade Luterana de Teologia
www.flt.edu.br

Este artigo é parte integrante da Edição v. 1, n.1, 2020

ISSN 2595-1971
DOI 10.25188/FLT-GT(ISSN2595-1971)v1.n1.2020.p74-108

Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional

O AMOR CONJUGAL EM CANTARES:
UMA ANÁLISE EXEGÉTICA A PARTIR DE CANTARES 8.6-7

RAQUEL SCHMIDT GRAHL

Sumário

INTRODUÇÃO....76

1 CASAMENTO EM ISRAEL E NAS CULTURAS VIZINHAS....77

1.1 CASAMENTO COMO PROPÓSITO DE DEUS 77
1.1.1 Deus cria uma auxiliadora idônea 77
1.1.2 Deixar pai e mãe 78
1.1.3 Unir-se à mulher 78
1.1.4 Tornar-se uma só carne....79
1.2 A RELAÇÃO HOMEM E MULHER NO ANTIGO TESTAMENTO 79
1.3 INFORMAÇÕES EXTRABÍBLICAS ACERCA DOS POEMAS NUPCIAIS 81
1.3.1 Literatura egípcia....81
1.3.2 Literatura mesopotâmica....84

2 ANÁLISE EXEGÉTICA DE CANTARES 8.6-7 85

2.1 TEXTO....85
2.1.1 Tradução, Crítica textual e Comparação com versões portuguesas 85
2.1.2 Análise gramatical 86
2.1.3 Análise da forma do texto....86
2.2 CONTEXTO....87
2.2.1 Análise do contexto literário 87
2.2.2 Análise da redação do texto 88
2.2.3 Análise do contexto histórico do texto 88
2.3 INTERTEXTUALIDADE....89
2.3.1 “Coloque-me como um selo sobre teu coração e sobre o teu braço”....89
2.3.2 “O amor é forte como a morte”....90
2.3.3 “Duro como a sepultura o ciúme” 91
2.3.4 “Seu brilho como faíscas de fogo, labaredas do Senhor” 92
2.3.5 “As muitas águas não poderão apagar o amor e os rios não o afogarão”....93
2.3.6 “Se o homem der toda fortuna de sua casa por amor, será totalmente desprezado” 94
2.4 CONTEXTUALIZAÇÃO 95
2.4.1 Análise da recepção do texto 95
2.4.2 A interpretação do texto na pesquisa exegética....96

3 CASAMENTO NO HORIZONTE DA CULTURA CONTEMPORÂNEA - REFLEXÕES....98

3.1 CASAMENTO E DIVÓRCIO NO CONTEXTO BRASILEIRO 98
3.2 AMOR NA MODERNIDADE LÍQUIDA CONFORME ZYGMUNT BAUMAN 100
3.3 O AMOR QUE NUTRE O CASAL VEM DE DEUS....102

CONCLUSÃO....105

REFERÊNCIAS 107

INTRODUÇÃO

No mundo pós-moderno no qual vivemos, facilmente esquece-se dos princípios bíblicos que norteiam a vida, e, principalmente, o casamento. Normalmente, ninguém entra em um casamento para se frustrar, mas para que ambos sejam felizes para sempre. O que fazer para alcançar a tão sonhada felicidade? O que fazer para permanecer casado diante das crises que ameaçam? O que a Bíblia fala sobre casamento? Ouvem-se estas e outras perguntas de pessoas que vivem frustradas em seus casamentos, ou de pessoas que buscam entender qual o sentido do casamento. As razões para a instabilidade no casamento são numerosas, mas não se tem dúvida de que uma das origens do problema é a falta de cuidado com que as pessoas se casam. Os casamentos, muitas vezes, são construídos apenas a partir da atração sexual impulsiva, ou pelo desejo de sair de casa, ou ainda por um sentimento vago de "amor", entre outros motivos. Por conta disso, procurou-se, neste trabalho, abordar o que é o amor conjugal no casamento a partir do livro de Cantares.[1]

Esta pesquisa tem como objetivo interpretar o livro de Cantares no seu sentido literal a fim de abordar a profundidade do amor conjugal. A pesquisa é baseada numa análise exegética do texto de Cantares 8.6-7, pois o livro de Cantares tem uma riqueza incomparável para se falar do amor conjugal, mas, na maioria das vezes, isto é esquecido ou deixado de lado.

Na Bíblia, podemos ver que Deus planejou o casamento desde a criação. A partir da criação, pode-se ter um casamento feliz e abençoado por Deus, o Criador do casamento. Quando se vive a partir do que a Bíblia ensina, o casamento não será perfeito, mas será melhor para que os conflitos sejam resolvidos de forma sábia. Além disso, pode-se observar que as cerimônias de casamento eram semelhantes em muitos lugares do Antigo Oriente e que a literatura nas culturas vizinhas pode ter influenciado o livro de Cantares.

Faz-se uma análise exegética do texto de Cantares 8.6-7 em que se busca a compreensão do sentido literal do texto e sua interpretação ao longo da história, pois nem sempre o texto foi compreendido literalmente, tendo suas razões para isso. O livro de Cantares não foi facilmente aceito no cânon bíblico, pois, para alguns, tratava-se apenas de poemas profanos, que poderiam ter sido usados nos cultos de fertilidade pagãos. Todavia, há uma razão do livro estar entre os livros canônicos e percebe-se que é de grande importância.

Além disso, analisou-se o contexto brasileiro de casamentos e divórcios e também um pouco do contexto mundial, pois o amor sobre o qual o livro de Cantares fala tem se tornado líquido. Realizaram-se pesquisas em alguns sites sobre o número de casamentos e divórcios no Brasil e se percebe um quadro assustador. Usa-se o livro *O amor líquido* de Zygmunt Bauman para compreender a realidade dos relacionamentos, que têm se tornado cada vez mais descartáveis, no mundo cada vez mais egoísta e individualista. E, por fim, percebe-se que o amor do qual o livro de Cantares fala deve vir de Deus e deve ser cultivado diariamente para que não morra, sendo uma tarefa que o casal deve assumir juntos.

1 A nomenclatura Cantares, que provém da Vulgata, será usada convencionalmente, embora se saiba que este livro também é chamado de Cântico dos cânticos a partir do original hebraico. GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: A.D. Santos, 2012, p. 106. A abreviação de Cantares que será utilizada é Ct.

1 CASAMENTO EM ISRAEL E NAS CULTURAS VIZINHAS

Segundo o dicionário da língua portuguesa,[2] casar é unir por casamento, aliar-se, combinar-se, harmonizar-se, condizer, juntar-se. Casamento é definido como uma união legítima entre homem e mulher, ou seja, necessariamente, para ser um casamento, precisa ser entre duas pessoas de sexos diferentes. Em Gênesis 1.27, está escrito que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem, ou seja, determina-se a imagem de Deus no mundo como a humanidade de dois sexos.[3]

Pode-se observar que, no Antigo Testamento, não há um termo próprio e corrente para designar a instituição do casamento. Isso é significativo, porque geralmente o homem e a mulher estão enquadrados no conjunto de famílias, ao qual normalmente pertencem quatro gerações.[4]

1.1 CASAMENTO COMO PROPÓSITO DE DEUS

Depois da criação, ao se deparar com os animais, o homem percebe que todos possuem um par correspondente, apenas ele está sozinho. Por isso, Deus diz que “não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18) e, a partir da costela do homem, cria a mulher. Em Gênesis 2.18-24[5] está relatada a criação da mulher e a instituição do casamento.[6] A partir desse texto, quer-se analisar alguns termos importantes: נֶגֶד (idônea, correspondente), עזב (deixar), דבק (unir), בָּשָׂר (tornar-se uma só carne).

1.1.1 Deus cria uma auxiliadora idônea

Ao criar o homem, o Criador interrompe sua obra e pergunta se de fato é a criatura que ele planejara criar e se o homem estaria bem assim, e chega à conclusão de que está faltando algo.[7] Não se especifica quanto tempo o homem ficara só, mas há a descrição do Criador de que não era bom que o homem estivesse só. Após ter constatado que tudo era muito bom (Gn 1.31), Deus percebe que a solidão do homem não é boa, e decide criar uma companhia para ele. Cria um apoio para cumprir a tarefa, pois o ser humano só consegue cumprir sua tarefa em comunhão.[8]

Além de ser auxiliadora, deve ser idônea ou correspondente ao homem. O homem precisa de um “complemento que seja relativamente diferente e, ao mesmo tempo, idêntico na natureza”.[9] Os animais poderiam ser nomeados pelo homem, tornando-se parceiros e companheiros, mas entre eles não havia uma auxiliadora que fosse idônea ao homem. Ver e nomear os animais desperta no homem o anseio por alguém que o completasse e lhe correspondesse.[10] Conforme Westermann, a criação da mulher da costela do homem não deve ser entendida como uma descrição realista, pois o “narrador quer

2 BUENO, Francisco da Silveira. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 11 ed. Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante, 1992, p. 236.
3 WOLFF, Hans Walter. Antropologia do Antigo Testamento. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983, p. 219.
4 WOLFF, 1983, p. 219.
5 “Disse mais o Senhor Deus: não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada. Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. BÍBLIA Missionária de Estudo: Antigo e Novo Testamento. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: SBB, 2014. Todas as ocorrências em que tiver a sigla ARA refere-se a esta Bíblia.
6 BRÄUMER, Hansjörg. Gênesis. Vol 1. Curitiba: Esperança, 2016, p. 63.
7 WESTERMANN, Claus. O Livro de Gênesis: um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 37.
8 BRÄUMER, 2016, p. 64.
9 BRÄUMER, 2016, p. 64.
10 BRÄUMER, 2016, p. 65.

fundamentar a conjunção de homem e mulher a partir do próprio processo de criação e se vale de outra exposição mais antiga da criação do ser humano, que encontramos em outros lugares".[11]

O sentido da palavra idônea ou correspondente quer dizer que ela combina com ele. Há entendimento mútuo na fala e na resposta, no silenciar e no estar pronto um para o outro. A comunhão entre o homem e a mulher é expressa de modo simples e fundamental que tem validade para nós hoje.[12] Segundo Bräumer, homem e mulher não se unem depois, mas as duas pessoas são uma unidade desde o início, pois eles vêm um do outro. Quando o homem viu a sua mulher, a que Deus havia criado para ele, ele sabe de imediato que é a auxiliadora tão esperada. No hebraico, a palavra auxiliadora (נגד) pode ser traduzida como aquela que completa o homem ou a parte que faltava no homem.[13]

1.1.2 Deixar pai e mãe

O verbo עזב (deixar) é usado literalmente com três ênfases distintas: partir, abandonar e soltar. Pessoas, lugares e objetos podem ser deixados para trás. Deixar pode ter sentido de confiar algo a alguém,[14] porque os pais confiam seus filhos ao cônjuge. A partir do hebraico, pode-se perceber a importância do verbo e também do ato de deixar ou abandonar pai e mãe para construção de uma nova família. O homem abandona pai e mãe, representando a maturidade e gera uma mudança que está de acordo com o ciclo vital. O amadurecimento emocional, que chega mais tarde que o físico, permite com que os jovens se desliguem de seus pais, fazendo com que tomem suas próprias decisões e arquem com as consequências que elas trazem, provendo o sustento financeiro próprio.[15]

Deixa-se para trás muitas coisas, para, unido ao cônjuge, definir quais as coisas boas e importantes que nortearão o casamento e a família futura. Deixar não é apenas emocional ou economicamente, mas é importante que se deixe geograficamente para que se crie essa intimidade e a vivência saudável de casamento para depois pensar na própria família como um todo.

1.1.3 Unir-se à mulher

O verbo unir (דבק) possui muitos significados, entre eles: apegar-se, aderir, ligar-se, unir-se, soldar-se,[16] colar, aconchegar-se a, segurar-se em algo e ficar do lado de alguém.[17] Possui o sentido de apegar-se a alguém por afeto ou lealdade, por exemplo, o homem deve apegar-se à sua esposa.[18] Ser colado a alguém acontece sempre que duas pessoas se tornam uma só carne. Por isso, a frase "o homem se unirá à sua mulher" exclui qualquer tipo de relacionamento extraconjugal.[19] Deus planejou que os laços matrimoniais deveriam ser indissolúveis e, portanto, o homem, que é o mais forte, é o que deve unir-se à mulher (esposa) e, com isso, ela fica segura com o marido.[20]

Após deixar o lar de seus pais, a pessoa que se casa se une à outra, e isso é para toda a vida. O divórcio não faz parte do plano original. Esse é um aspecto que precisa ser enfatizado, já que poucas pessoas se lembram de que o casamento é uma união para toda a vida.[21] Por isso, deve-se pensar com cuidado na escolha do cônjuge, o que não deve ser motivado apenas pela paixão, e sim, pela decisão diária de querer permanecer junto à outra pessoa para sempre, até a morte.

11 WESTERMANN, 2013, p. 38.
12 WESTERMANN, 2013, p. 38.
13 BRÄUMER, 2016, p. 66.
14 HARRIS, Laird R. et al. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Trad Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1100-1101.
15 ASSUMPÇÃO, Wanda de. **...E os dois tornam-se um**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1988, p. 16-17.
16 SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário Bíblico hebraico-português**. Trad Ivo Storniolo, José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997, p. 146.
17 BRÄUMER, 2016, p. 68.
18 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 291.
19 BRÄUMER, 2016, p. 68.
20 PFEIFFER; HARRISON, 2001, p. 8.
21 ASSUMPÇÃO, 1988, p. 20.

Nenhuma pessoa é obrigada a casar. O casamento é uma decisão, mas sempre se deve levar em conta de que não é só uma decisão para os momentos alegres, mas para sempre, nas dificuldades e nas lutas. Para isso, deve-se lembrar do compromisso de amar. Mesmo que os sentimentos que fazem com que tudo pareça perfeito acabem, existe o compromisso firmado diante de Deus. Por isso, o amor não é um sentimento, mas uma ação, que é a disposição para amar: aceitando o cônjuge como ele é, percebendo que ele é valioso, importando-se quando ele está magoado, desejando sempre o melhor para ele, perdoando as ofensas.[22]

1.1.4 Tornar-se uma só carne

O termo carne (בָּשָׂר) quer dizer muito mais do que a união física no contato sexual, porque em Gênesis 2.23[23] Adão se refere à Eva como alguém da própria carne e osso, e isso se refere mais do que ao fato de compartilharem da mesma herança física.[24] Ao criar o ser humano como homem e mulher, Deus cria também sexualidade. E a sexualidade dentro do casamento proporciona a experiência de uma união profunda e singular para a felicidade do casal e para a propagação da espécie humana. A sexualidade dentro do casamento não envolve apenas a relação sexual em si, mas é apoiada pelo compromisso de fidelidade e dedicação de toda uma vida.[25]

O tornar-se uma só carne, nesse versículo, é símbolo da união total que deve existir dentro do casamento. A união sexual é o ato final de um relacionamento profundo, completo e de total autodoação. É o que Efésios 5.28 expressa: “Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama”.[26] Ao se casarem, homem e mulher compartilham tudo: seus corpos, seus bens, suas ideias, suas aptidões, seus problemas, seus sucessos, seus fracassos, suas alegrias e seus sofrimentos, o que não significa uniformidade. Ao criar homem e mulher, Deus os fez diferentes para que pudessem complementar um ao outro.

Dessa forma termina o v.24, que é uma palavra final, resumida e orientadora de Deus sobre o casamento, pois agora a instituição do casamento estava sob a bênção de Deus. Pode-se observar que, no Antigo Testamento, a questão de deixar pai e mãe só era exigência para a mulher, pois o abandono de pai e mãe por parte do homem soa como uma provocação. Contudo, aponta-se que um casamento só é possível quando ambos, homem e mulher, saem de suas antigas famílias para tornarem-se totalmente livres um para o outro.[27]

1.2 A RELAÇÃO HOMEM E MULHER NO ANTIGO TESTAMENTO

Ao se falar sobre o ser humano, muitas vezes refere-se a uma unidade sem sexo. Inúmeros livros e tratados analisam a essência do ser humano como se as diferenças de sexo não tivessem importância alguma. Contudo, pode-se perceber, no primeiro relato da criação, que o escritor sacerdotal acrescenta que Deus criou homem e mulher. Há muitos pontos em comum entre o homem e a mulher, e também muitas diferenças.[28] O ser humano é ou de natureza masculina ou feminina, e as diferenças pesam, muitas vezes, mais do que os pontos em comum. A tensão entre os sexos é perceptível em todas as épocas e culturas, também nos sistemas sociais bem rígidos. Pode-se afirmar que, sem o amor sexual e

22 ASSUMPÇÃO, 1988, p. 21.
23 “E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.” Gênesis 2.23 (ARA)
24 HARRIS, Laird R. et al.1998, p. 228.
25 ASSUMPÇÃO, 1988, p. 22.
26 Efésios 5.28 (ARA)
27 BRÄUMER, 2016, p. 67-68.
28 GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. **Mulher e homem**. São Leopoldo: Sinodal, 1981, p. 7.

sem a concorrência onipresente dos sexos, não é concebível uma história da humanidade, não importando quais são especificamente os papeis atribuídos aos homens e às mulheres.[29]

O Antigo Testamento influenciou muito a construção de nossas sociedades. No que diz respeito aos papeis dos sexos, encontramos na Teologia e na Igreja uma confiança cega na imutável ordem da criação da Bíblia. Conforme esta, o homem e a mulher receberam de uma vez para sempre suas posições: o homem como senhor e soberano e a mulher como submissa a ele e sua ajudante.[30] Contudo, afirma-se que o AT[31] não oferece um protótipo de uma forma de convivência eterna e ordenada por Deus, mas testemunha as tentativas contextuais (e também errôneas) dos homens daquele tempo no sentido de organizar o mundo de acordo com a vontade de Deus. O povo de Israel encontrou respostas diferentes para os desafios de seu tempo, também na relação entre sexos, e por isso o AT tem um significado permanente.[32] Na época do AT, o cenário em que as pessoas nasciam também era o local em que viviam, trabalhavam e morriam, pois o clã e a terra própria eram sólidos pontos de referência, dificilmente se abandonava o local de nascimento.[33]

Os papéis e as relações dos sexos são aprendidas teoricamente junto aos pais, mas, com o casamento, põe-se à prova o exemplo dado. O começo do amadurecimento sexual é um marco essencial do ser em crescimento, até os dias atuais.[34] No Antigo Oriente, a maturidade sexual ocorria muito cedo, entre os 10 e 12 anos, e "a *Mischna*[35] calcula que um menino tenha a capacidade de procriar a partir dos nove anos"[36] e pressupõe-se que nessa idade estes jovens já tenham alcançado maturidade espiritual e emocional. A família não despede seus membros que alcançaram a maioridade, mas continua orientando-os e acompanhando-os. Dessa forma, também a palavra decisiva na escolha do cônjuge era dos pais.[37]

No livro de Cantares fala-se detalhadamente do mundo íntimo dos casais. O que surpreende é que a moça expressa nestes hinos o desejo pelo amado; observa-se que, mesmo a sociedade no AT sendo patriarcal e atribuindo à mulher uma posição inferior, o israelita e a israelita entregavam-se ao amor. Apesar do que pode ser depreendido do livro de Cantares, esse livre encontro dos sexos não desempenhava um papel predominante em Israel,[38] porque

> as leis narrativas do AT pressupõem a relativa separação da esfera de vida do homem e da mulher, a virgindade da moça até a noite de núpcias e mesmo aquela iniciativa dos pais quanto à escolha do cônjuge. À moça não restava mais senão esperar intensamente o seu noivo. Apenas no contexto desta situação geral ela podia eventualmente comunicar, de forma diplomática, seus próprios desejos aos pais (1 Sm 18.20). A submissão à vontade da geração mais velha, exercitada desde a infância, provavelmente evitou conflitos maiores entre a filha e os pais.[39]

A partir disso, pode-se depreender que a moça israelita precisava estar disposta a unir-se ao clã de seu marido. O rompimento com o próprio passado era exigido apenas à mulher e não ao homem. A noiva israelita colocava-se totalmente a serviço da família de seu marido. Os familiares dela recebem o dote de casamento, mas não tem mais nenhum direito sobre a filha.[40] O pedido de casamento era feito aos pais da moça e também discutido a quantia do *mohar,*[41] que era uma quantidade de dinheiro que o noivo era obrigado a pagar ao pai da moça.[42]

Já o jovem israelita, ao ingressar na puberdade, também esperava o dia de seu casamento, porém não tinha limitações e coações tão fortes quanto às moças, ou eram de outra espécie. No AT, o homem que não constituía família ou não zelava por ela não tinha valor algum, pois o impulso de constituir

29 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 8.
30 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 14.
31 Esta sigla sempre significa Antigo Testamento no presente trabalho.
32 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 14.
33 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 25.
34 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 26.
35 A *Mischna* é uma das principais obras do judaísmo rabínico, e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica, chamada de Torá Oral. A *Mishna* é considerada a primeira obra importante do judaísmo rabínico e é uma fonte central do pensamento judaico posterior.
36 Yebamoth 10.7-9, conforme: GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 26.
37 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 26.
38 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 26-27.
39 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 27.
40 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 28-29.
41 VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 52.
42 VAUX, 2004, p. 49.

família era mais forte que o mero desejo sexual, no casamento.[43] Apenas havia alguns comerciantes e marinheiros que não se casavam,[44] pois, devido às viagens, não poderiam zelar pela família.

Segundo Wolff, juridicamente o homem é considerado o proprietário da mulher e a mulher é a posse do homem, por causa do *mohar* que deveria ser pago ao pai da noiva.[45] O noivado e o casamento são claramente distintos: o "levar para casa", "tomar" e "tomar posse da mulher", ou quanto à mulher que "torna-se própria do homem" são expressões que dão a impressão de que a mulher pertence às posses do marido, mas havia a possibilidade de uma relação de parceria. Somente mais tarde é que a celebração de um casamento é designada com a palavra *chatunna* (Ct 3.11). Ocasionalmente, a união de um homem e uma mulher é chamada de *berit* (aliança), mas esse termo também é usado como para falar da aliança de Deus com seu povo.[46]

A festa de casamento em Israel durava uma semana[47] e às cerimonias nupciais pertenciam descrições da beleza corporal da noiva e do noivo, assim como em Cantares, que são análogas ao moderno *wasf*[48] árabe.[49] Afirma-se, também, que o livro de Cantares contém alguns poemas que não parecem ter conexão especial com o casamento.[50] Bentzen afirma que precisamos nos acostumar a compreender que mesmo os poemas mais sensuais de Cantares podem pertencer às cerimônias nupciais que eram tão religiosas quanto a qualquer ritual nupcial protestante.[51]

Como mencionado anteriormente, nas festas de casamento cantavam-se hinos que descreviam a beleza do noivo e da noiva. Não se sabe se teve origem em um único país ou se era algo comum da cultura de todos os povos do oriente, mas sabe-se que, além de Israel, outros povos tinham a mesma tradição, alguns até a atualidade.

1.3 INFORMAÇÕES EXTRABÍBLICAS ACERCA DOS POEMAS NUPCIAIS

Nas cerimônias nupciais descrevia-se a beleza dos noivos, assim como ocorre no livro de Cantares. Há paralelos dos cantos do livro de Cantares com o material extrabíblico que compreende cânticos, poemas nupciais e alegorias místicas das antigas literaturas egípcia e mesopotâmica.[52]

1.3.1 Literatura egípcia

No antigo Egito, a representação da sexualidade não era só para agradar os homens, mas estava associada à reprodução e à fertilidade. Era importante que uma mulher fosse bonita para os homens, e não o contrário. A literatura que sobreviveu ajuda a retratar as percepções masculinas em relação às mulheres, pois realçar as qualidades físicas da mulher era um tema favorito da poesia egípcia antiga, como era também em outros lugares. A poesia de amor que parece tão pessoal era produzida por escribas oficiais e esses poemas eram uma parte formal da literatura deles. Além disso, a poesia de amor apresentava os enamorados como irmão e irmã, como termos de afeição e não para serem tomados literalmente.[53] Como na poesia egípcia os amantes chamavam-se de irmão e irmã, os gregos afirmaram

43 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 30.
44 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 29.
45 WOLFF, 1983, p. 220.
46 WOLFF, 1983, p. 220-221.
47 Gn 29.27 "Decorrida a semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás." (ARA)
48 Wasf é descrição, um tipo de canção cantada por hóspedes em uma festa de casamento sírio, em que a beleza da noiva e as qualidades do casal são descritas de maneira calorosa. Esse costume é praticado no Oriente Próximo até a época moderna, mas não há indício literário da existência do gênero wasf na época Palestina hebraica (além do livro de Cantares). ARCHER Jr, Gleason L. Panorama do Antigo Testamento. Trad Gordon Chown. 4 ed. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 614.
49 BENTZEN, Aage. **Introdução ao Antigo Testamento**. Vol 1. 5. ed. São Paulo: ASTE, 1968, p. 145.
50 Como, por exemplo, os textos de Ct 1.7-8; 1.9-17 e 2.8-14, conforme BENTZEN, 1968, p. 145.
51 BENTZEN, 1968, p. 146.
52 BALLARINI, Teodorico et al. **Os livros poéticos**: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 227.
53 WIEDEMANN, Amanda B. **A questão do gênero na literatura egípcia do IIº milênio a.C. 2007**. 358 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007, p. 100.

que o casamento entre irmãos e irmãs era normal no Egito, mas provavelmente não era o caso, pois eram comuns casamentos entre meios-irmãos e irmãs.[54] As expressões amorosas dos poemas poderiam partir tanto do homem quanto da mulher, pois era aceito falar de erotismo tanto para ele quanto para ela.[55]

As emoções representavam uma parte importante nas vidas dos egípcios de ambos os sexos, e isso pode ser percebido nos poemas. No Egito Antigo, uma mulher não era mantida reclusa e tinha oportunidades de encontrar um membro do sexo oposto e apaixonar-se.[56] Contudo, não fica claro qual é o papel do amor na escolha de um parceiro no casamento, já que a grande maioria dos casamentos era arranjada pelos pais, principalmente com motivos econômicos.[57]

O casamento era visto como algo desejável, tanto para os homens quanto para as mulheres, assim como em outros países da antiguidade. O casamento, a maternidade e a construção de um lar eram as principais ocupações pela qual a maioria das mulheres aspirava, mas os homens também apreciavam os benefícios de serem casados. Os egípcios casavam-se cedo, os meninos casavam-se normalmente com 15 anos de idade e as meninas com 12, mas eles amadureciam cedo, e até recentemente o casamento nessas idades entre camponeses ainda era comum.[58]

A poligamia era rara no Egito, com exceção dos reis que, por razões dinásticas, tinham várias mulheres. Na verdade, a poligamia é um assunto controverso, pois nas tumbas aparecem vários nomes de mulheres; acredita-se que provavelmente morreram antes do marido e por isso o marido tivera mais do que uma mulher. Apesar de normalmente os homens terem apenas uma esposa, era permitido o homem ter quantas concubinas pudesse sustentar e poderia persuadir as mulheres de seu lar, principalmente a esposa, a aceitá-las. Ele deveria primeiramente buscar o consentimento da esposa, pois a chegada de uma rival para afeição ao seu lar poderia resultar em divórcio. Contudo, o status de uma concubina não era o mesmo que o da esposa e, fora as concubinas permitidas, a esposa poderia esperar que seu marido fosse fiel a ela, pois a infidelidade de um homem casado não era bem-vista socialmente.[59]

Foram encontradas inscrições resumidas de canções de amor em cenas de tumbas do Reino Antigo, ao lado de representações de camponeses em seu trabalho e a tradição profana os data no ano de 2600 a.C. Os poemas de amor que sobreviveram estão em documentos do Reino Novo, aparecendo no mais profano e menos tradicional período da história do Egito: o fim da XVIII dinastia. Aparecem até a XIX dinastia, mas não se sabe até quando foram compostos, pois pode ser que os egípcios os tenham apreciado e aperfeiçoado por séculos depois de sua composição original. Muitos egiptólogos escreveram sobre quão elegantes e não eróticos são os poemas de amor, baseando-se em poucos exemplos, deixando de lado os poemas que são sensuais.[60] Os líricos egípcios compartilhavam vários temas com a poesia lírica que floresceu em outras regiões mediterrâneas em períodos menos antigos e na antiga Arábia islâmica, e por isso não precisam ser comparados apenas ao livro de Cantares do qual difere em muitos aspectos.[61]

Acredita-se que há, pelo menos, duas tradições distintas de poemas que existiram lado a lado no repertório egípcio: os de origem popular, que são os das falas femininas, e os mais refinados, de fala masculina, embora haja alguns tipos prosaicos. Isso não sugere que haja uma linha literária de descendência da antiguidade egípcia, mas aponta a universalidade e frequência de certos fenômenos literários.[62]

Os poemas de fala feminina abrangem as diversas situações da vida real, emoções e características. Nesses poemas, vê-se o mundo plebeu: casas de aldeia, lugares de trabalho, campos cultivados, canais de irrigação, ou seja, um mundo rústico. Afirma-se que a fala das mulheres no Papiro de Harris diz respeito aos seus próprios sentimentos, e que a falta de foco nos sentimentos do outro seria

54 WIEDEMANN, 2007, p. 133.
55 WIEDEMANN, 2007, p. 101.
56 WIEDEMANN, 2007, p. 133.
57 WIEDEMANN, 2007, p. 134.
58 WIEDEMANN, 2007, p. 134-135.
59 WIEDEMANN, 2007, p. 139-140.
60 WIEDEMANN, 2007, p. 225.
61 MOROE, James. In: WIEDEMANN, 2007, p. 225.
62 LESKO, Barbara. In: WIEDEMANN, 2007, p. 225-226.

suficiente para afastar qualquer conjectura acerca desses poemas fazerem parte do ritual de Háthor, destinado a ajudar a rejuvenescer o falecido. No Papiro de Harris, fala-se da esposa que sente saudades do marido, a mulher se preocupando com a rival, a menina teimosa apaixonada, e a moça correndo antes de terminar seu penteado para encontrar o namorado, que são características humanas e familiares.[63] Contudo, não se sabe sobre a natureza e a finalidade dos poemas, mas acredita-se de que eram lidos ou cantados em banquetes mundanos ou mortuários (como ritual ligado ao defunto) e eram lidos por prazer.[64]

Conforme Wiedemann, os poemas de amor encontram-se conservados em, pelo menos, três papiros e um Óstraco: Papiro Chester Beatty I, Papiro Harris 500, Papiro Turim 1996 e Óstraco do Cairo. A mais antiga coleção provavelmente é o Papiro de Harris 500, que tem uma linguagem direta, e muitas vezes, explicitamente sexual. Contém a maioria das falas femininas, e os poemas falam de pássaros e plantas.[65]

O Papiro Chester Beatty I provavelmente foi escrito por profissionais imitando os poemas de tradição popular. Há um poema que compara o amado há um boi domado e marcado pelo sinete da amada, dominado pelo fascínio de seus olhos e cabelos. Alguns dos poemas também consistem na descrição elogiosa da amada. Os poemas envolvem comparações que nos soam estranhos, como, por exemplo, o amante que é comparado ao cavalo premiado no estábulo e a uma gazela assustada. Ambas as figuras mostram a velocidade que ele correrá para ver sua amada. Essas comparações são típicas do Egito antigo, de modo que não se pode duvidar da origem desses poemas.[66]

O papiro Turim 1996 encontra-se em estado fragmentário, e nele encontra-se uma árvore que é amiga dos amantes e conversa com eles. Há uma ingenuidade quase infantil nas árvores que falam e nas flores, mas acredita-se que, por detrás, há uma mensagem sexual prosaica de duplo sentido que quase escapa. Há uma descrição admirável da amada e a confissão do poeta que adoraria ser escravo de sua amada. Além disso, identifica-se o casal como pertencendo à nobreza. Há também uma árvore que convida a observar o encontro dos amantes debaixo de sua sombra.[67]

No Óstraco do Cairo, um vaso encontrado em Deir el-Medina, uma mulher expressa o seu amor e fala em mostrar sua beleza a seu admirador no rio. Ele estava com dificuldades, pois havia um crocodilo na outra margem. O amante relata que o amor de sua amada o tornou forte e bravo, que o faz vencer o crocodilo, atravessar a corrente e beijar a mulher. Há outros poemas que falam do amante que quer ser o servo de sua amada; que quer ser o lavadeiro para poder tocar em suas roupas; quer ser um anel para estar junto dela em todos os momentos; inveja seu espelho que pode vê-la sempre; imagina interagindo com a amada; além disso, descreve que surge uma doença de amor pela ausência da amada.[68]

Observa-se que há muitas semelhanças, não apenas das metáforas e imagens, mas também de algumas situações entre a literatura egípcia e o livro de Cantares. Em Ct 1.2, há uma correspondência de "beija-me com os beijos de tua boca" com um poema encontrado no vaso Deir el-Medina "que eu a beije, em seus lábios abertos". No v. 8, fala-se que a Sulamita é a "mais formosa entre as mulheres", e a amada do Papiro Chester Beatty é a "mais bela do que todas as outras"; no Papiro Harris 500, a amante diz que o seu amante a julga "a primeira das belas". Em Ct 6.9, a Sulamita é chamada de única, e, no Chester Beatty, fala-se "quando a vemos sair de casa, é como se víssemos a deusa, a Única", numa alusão a Hathor, a deusa do amor.[69] Em Ct 8.1, a Sulamita se desespera de não poder expressar manifestações afetivas em relação ao amado, e expressa seu sofrimento dizendo "ah! Se fosses meu irmão [...]/ Encontrando-te fora, eu te beijaria,/ sem ninguém desprezar". No Papiro, a amada diz, de forma mais feliz nisso do que a Sulamita, "então eu irei até o irmão/ e o beijarei em frente de seus familiares/ não me

63 LESKO, Barbara. In: WIEDEMANN, 2007, p. 226.
64 WIEDEMANN, 2007, p. 227-228.
65 WIEDEMANN, 2007, p. 228.
66 WIEDEMANN, 2007, p. 228-229.
67 WIEDEMANN, 2007, p. 229.
68 WIEDEMANN, 2007, p. 229-230.
69 CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos**: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 107.

incomodarei com o que pensem as pessoas".[70] Há paralelos de situações claramente eróticas, mas a linguagem no livro de Cantares é mais metafórica que nos textos egípcios.[71]

1.3.2 Literatura mesopotâmica

Há textos cuneiformes que se referem à hierogamia, que era a união de um deus e uma deusa (normalmente o rei ou sacerdote e a sacerdotisa) realizada no Ano Novo com o objetivo de conseguir aos homens e à natureza um novo impulso vital no começo do ano, chamado de dia do deus ou festa por excelência.[72]

Nos hinos hierogâmicos, os reis assumem o papel de Dumu-zid, esposo divino, amante da deusa Inanna, filha do deus-lua, cujo papel era desempenhado pela sacerdotisa. Os hinos pertenciam ao ritual do templo de Uruk, onde se adorava Dumu-zid. A deusa de Ur desposava a cada ano o deus de Uruk, e, ao se aproximar de Sulgi, o segundo rei da dinastia, Inanna entoa um hino que faz referências aos cosméticos, à vestimenta feminina, e há uma descrição dos gestos que acompanham a união sexual. São características comuns aos cantos de amor orientais.[73]

Há um hino de 14 estrofes que termina com uma súplica por Ammiditana, nono rei da primeira dinastia babilônica, que tem correspondência om Ct 4.4 e 6.10. O mais próximo de Cantares é um diálogo sobre o amor entre um homem e uma mulher numa tabuinha de Sippar que tem paralelos com Ct 2.9 e 5.2.

Encontrou-se correspondência de alguns hinos babilônicos e sumércios com o livro de Cantares e também com poemas egípcios, cujo tema é o da procura. Há um catálogo assírio onde figura uma série de títulos de hinos cultuais do ciclo de Tammuz e Istar. Os pontos de contato com o livro de Cantares são a procura e o encontro dos amantes, a descida ao jardim, sombras noturnas e luz do dia, silêncio e gritos de alegria, sentimentos alternados e comparações.[74] Contudo, na literatura mesopotâmica, em que a hierogamia teve um desenvolvimento relevante, o objetivo prático dos hinos era de assegurar a fecundidade e a fertilidade da terra, sendo que o elemento psicológico tem menos importância do que nos cantos egípcios.[75]

Diferem-se do livro de Cantares por não se referirem ao casamento como tal, mas porque a hierogamia era realizada no templo pagão com o objetivo de conseguir um novo impulso vital, e provavelmente havia prostitutas cultuais. Contudo, as canções possuem a linguagem semelhante ao livro de Cantares.

70 CAVALCANTI, 2005, p. 109.
71 CAVALCANTI, 2005, p. 109.
72 BALLARINI, 1985, p. 229.
73 BAILLARINI, 1985, p. 229.
74 BAILLARINI, 1985, p. 229.
75 BAILLARINI, 1985, p. 229.

2 ANÁLISE EXEGÉTICA DE CANTARES 8.6-7

A metodologia exegética usada foi uma interpretação crítica e metódica do texto de Cantares 8.6-7, que leva em conta o contexto, a intertextualidade e a contextualização. Primeiramente, realizou-se a tradução do texto, a comparação entre as versões portuguesas, a crítica textual e a análise gramatical. Em seguida, realizou-se a análise da forma do texto, onde se aborda acerca do gênero literário e o *Sitz in Leben*. Em segundo lugar, no contexto, faz-se a análise do contexto literário, a análise da redação do texto e a análise do contexto histórico do texto. Em terceiro lugar, na intertextualidade, foi feita a análise de palavras a partir do hebraico, apresentando-se um pouco de sua origem, em alguns casos. Além disso, foi incluída uma parte da contextualização nesse passo, a fim de mostrar a interpretação do texto em outros comentários bíblicos. E por fim, na contextualização, aborda-se a recepção do texto e as formas de interpretação do livro de Cantares.

2.1 TEXTO

2.1.1 Tradução, Crítica textual e Comparação com versões portuguesas

6 שִׂימֵנִי כַחוֹתָם עַל־לִבֶּךָ כַּחוֹתָם עַל־זְרוֹעֶךָ כִּי־עַזָּה כַמָּוֶת אַהֲבָה קָשָׁה כִשְׁאוֹל קִנְאָה
רִשָּׁפֶיהָ[76] רִשְׁפֵּי אֵשׁ שַׁלְהֶבֶתְיָה[77]:
7 מַיִם רַבִּים לָא יוּכְלוּ לְכַבּוֹת אֶת־הָאַהֲבָה וּנְהָרוֹת לָא יִשְׁטְפוּהָ אִם־יִתֵּן אִישׁ אֶת־כָּל־הׇוֹן בֵּיתוֹ
בָּאַהֲבָה בּוֹז יָבוּזוּ לוֹ

v.6 Coloque-me[78] como o selo sobre teu coração, como o selo sobre teu braço[79], pois o amor é forte[80] como a morte, duro[81] como sepultura[82] o ciúme[83], seu brilho é como faíscas[84] de fogo, labaredas[85] do Senhor.[86]

v.7 As muitas águas não poderão apagar o amor e os rios não o afogarão[87], se o homem der toda[88] fortuna de sua casa[89] por amor, será totalmente desprezado.[90]

76 Na versão do Targum, há uma variação na letra inicial que apresenta um i ר‘ que não tem variação no significado. Crê-se que, no Targum, foi harmonizado devido à próxima palavra iniciar com r ou devido ao construto, e que na versão da BHS (Bíblia Hebraica Stuttgartensia) deve ter alguma alteração devido ao sufixo que se encontra no final desta palavra.
77 O aparato crítico da BHS sugere a forma 1 de lermos a palavra, sendo que o 1 significa lege(undum) = leia שַׁלְהֶבֶתְיָהּ que enfatiza que são labaredas que provém de Yahweh.
78 A Bíblia de Jerusalém (abreviação BJ) e a Nova Tradução da Linguagem de Hoje (abreviação NTLH) usam o termo Grave-me, enquanto a Almeida Revista e Atualizada (abreviação ARA) utiliza Põe-me e a Nova Versão Internacional (abreviação NVI) usa o termo Coloque-me. Nas próximas vezes as traduções das versões portuguesas aparecerão em suas formas abreviadas.
79 Neste caso a Bíblia NTLH utilizou “no anel que está no seu dedo” ao invés de “como selo sobre o teu braço” como no caso das demais Bíblias (BJ, ARA, NVI), trata-se de uma Bíblia para uma linguagem mais atualizada e contextualizada para os dias de hoje.
80 A NTLH traduz a palavra “forte” como “poderoso”, as demais traduções optam pela palavra forte.
81 A BJ traduz por “cruel”, a NTLH por “forte”, a ARA “duro” e a NVI “inflexível”, mas todas as palavras denotam o mesmo sentido.
82 A BJ traduz o termo a por “abismo”, enquanto as demais traduções utilizam o termo “sepultura”.
83 A ARA e a NVI utilizam o termo ciúme, enquanto a BJ e a NTLH traduzem essa palavra por paixão, que é uma tradução possível para a palavra.
84 A BJ e NTLH traduzem por “chamas”, enquanto a ARA e NVI traduzem por “brasas”, chama dá sentido de fogo ardente, enquanto brasas tem sentido de fogo já apagando.
85 Neste caso há mais diferenças nas traduções, BJ traduz por “faíscas de Yahweh”, ARA “veementes labaredas”, NVI por “labaredas divinas” e a NTLH traduz por “fogo furioso”.
86 O aparato crítico da BHS sugere a forma 1 de lermos a palavra, sendo que o 1 significa lege(undum) = leia שַׁלְהֶבֶתְיָהּ que enfatiza que são labaredas que provém de Yahweh.
87 A NVI traduz de forma diferente das demais, dizendo que “os rios não conseguem levá-lo na correnteza”, não utiliza o verbo “afogar” que está presente nas demais traduções (BJ, ARA, NTLH).
88 Apenas a versão NTLH não enfatiza o “tudo”.
89 A BJ traduz por “dar tudo o que tem”, NTLH e NVI traduzem por “riquezas”, mas apenas a NVI acrescenta “da sua casa” e a ARA traduz por “todos os bens da casa”.
90 O aparato crítico da BHS indica uma sugestão de que provavelmente há um sufixo no início Prp = provavelmente הָבוּז

2.1.2 Análise gramatical

O texto de Cantares 8.6-7 inicia no v.6 com um imperativo coloque-me (שִׂימַנִי), expressando uma ordem, pedido, desejo ou súplica. O verbo vem seguido de duas comparações "como" selo (כָּחוֹתָם) sobre o coração (לִבֶּךָ) e "como" selo (כָּחוֹתָם) sobre o braço (זְרוֹעֶךָ). Em seguida a conjunção explicativa "pois" (כִּי) liga essas comparações com mais duas comparações "o amor (אַהֲבָה) é forte como a morte (כַּמָּוֶת) e o ciúme (קְנָאָה) é duro como a sepultura (שְׁאוֹל)". Além disso, o amor forte como a morte tem o brilho da faísca de fogo (ou queima como faísca de fogo), no final do versículo, fala-se que de labareda divina.

O v. 7 inicia dizendo que muitas águas não poderão (יוּכְלוּ) apagar o amor, sendo que o verbo está no Qal imperfeito e expressa uma ação futura, além dos rios que não o afogarão (יִשְׁטְפוּהָ). Segue dizendo que se um homem der toda fortuna (הוֹן) de sua casa pelo amor será totalmente desprezado (בָּוֹז יָבוּזוּ). A repetição das palavras que significam desprezar indica uma ênfase que será muito ou totalmente desprezado, pois a fortuna não pode pagar o preço do amor.

2.1.3 Análise da forma do texto

A perícope de Cantares 8.6-7 é atribuída a Salomão.[91] O gênero literário está dentro do grupo chamado de lírico profano e são chamados de hinos de casamento ou canções nupciais. O outro nome dado ao livro de Cantares é "Cântico dos Cânticos" que significa o cântico que supera todos os outros.[92]

As canções do livro de Cantares são, à primeira vista, uma poesia puramente profana, pois possuem paralelos com poesias profanas egípcias e mesopotâmicas. Por isso, fazia-se uso da alegoria e da tipologia na teologia protestante para que não tivesse uma conotação profana. Contudo, a interpretação usual na atualidade é de que o livro contém poesia amorosa popular e tem seu *Sitz in Leben* nas festas de casamento.[93]

No livro de Cantares, há muitas metáforas, o que faz parecer que os amantes só conseguem comunicar-se através de metáforas,[94] e essa rica linguagem figurativa arrasta os leitores ao mundo habitado pelos amantes.[95] Há muitas interpretações acerca do que significam as metáforas no livro de Cantares, e serão apresentados três modelos. Gelerman vê nas metáforas dos *wasfs* de Cantares uma alusão à pintura, aos baixos-relevos e à escultura egípcia.[96] Para Soulen, as imagens criam emoção e não compreensão crítica ou objetiva, e sua finalidade é uma resposta total e não cognitiva.[97] Já Borman afirma que as metáforas devem ser interpretadas como alusão às qualidades dos amantes, e não apenas referentes à aparência física.[98] Contudo, observa-se que o uso de metáforas é comum na poesia hebraica, que é bem viva, pois o poeta hebreu nos faz ver, ouvir e sentir. O poeta pensa com imagens e usa imagens do cotidiano, comuns a todas as pessoas.[99] Dessa forma, as metáforas usadas no livro de Cantares que nos soam estranhas eram comuns às pessoas daquela época e nos colocam para dentro do livro, a imaginar o que os amantes estavam sentindo.

91 Salomão que foi um rei muito sábio, pois pediu sabedoria a Deus e Deus a concedeu: "Era a sabedoria de Salomão maior do que a de todos os do Oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios. Era mais sábio do que todos os homens, mais sábio do que Etã, ezraíta, e do que Hemã, Calcol e Darda, filhos de Maol; e correu a sua fama por todas as nações em redor. Compôs três mil provérbios, e foram os seus cânticos mil e cinco. Discorreu sobre todas as plantas, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que brota do muro; também falou dos animais e das aves, dos répteis e dos peixes. De todos os povos vinha gente a ouvir a sabedoria de Salomão, e também enviados de todos os reis da terra que tinham ouvido da sua sabedoria." 1 Reis 4.30-34 (ARA)
92 SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 295.
93 BENTZEN, Aage. **Introdução ao Antigo Testamento**. Vol 1. 5. ed. São Paulo: ASTE, 1968, p. 144.
94 LANDY, Francis. In: CAVALCANTI, 2005, p. 99.
95 MEYERS, Carol. In: CAVALCANTI, 2005, p. 99.
96 GELERMAN, G. In CAVALCANTI, 2005, p. 100.
97 SOULEN, Richard. In: CAVALCANTI, 2005, p. 101.
98 BORMAN, T. In: CAVALCANTI, 2005, p. 101.
99 CAVALCANTI, 2005, p. 99.

A comparação é uma figura de linguagem presente na perícope e acontece quando se estabelece entre palavras ou expressões uma relação comparativa, que no texto de Cantares é marcada pela presença do termo “como” no v. 6: “como selo sobre o teu coração”; “como selo sobre o teu braço”; “o amor é forte como a morte” e “duro como a sepultura, o ciúme”.

O livro de Cantares pertence ao grupo dos cinco rolos de festas (*Megillot*) e era lido na Festa da Páscoa, a fim de relembrar o amor de Deus ao povo escolhido (Israel) e a saída do Egito.[100] Em tempos mais modernos, o livro de Cantares foi relacionado com os ritmos que pertencem ao culto de fertilidade do Oriente Antigo. Conforme Bentzen, alguns pesquisadores se referem à grande parte que fala de corpos nus nos capítulos 4 e 7 afirmando que isso provém das danças rituais que são relacionadas aos cultos de fertilidade, pois somente dançarinas profissionais e prostitutas dançavam nuas. Por isso, alguns afirmam que o capítulo 7 não fala da noiva, mas de uma dançarina do culto da fertilidade. Essa interpretação também é usada para explicar a conexão de Cantares com a Páscoa.[101]

2.2 CONTEXTO

2.2.1 Análise do contexto literário

O livro de Cantares é atribuído ao rei Salomão, pois se fala de Salomão ou de um rei.[102] A aceitação do livro de Cantares no cânon bíblico foi durante muito tempo um assunto controverso por ter paralelos com fontes extrabíblicas de poemas profanos. Por fim, foi aceito porque o amor entre um homem e uma mulher foi interpretado alegoricamente como sendo a relação de Deus com o povo de Israel.[103] O nome divino aparece apenas em um lugar (Ct 8.6) de forma abreviada. No restante do livro, não se tem referências do nome de Deus. O Novo Testamento não faz referência ao livro de Cantares, mesmo que a igreja cristã tenha interpretado o amor entre o casal como a relação de Cristo com a igreja.

A exultação franca e explícita do amor sexual humano causou desconforto em alguns intérpretes mais antigos, que contornavam isso com a interpretação alegórica, pois encontraram paralelos nas canções de amor alegóricas que se encontram nos livros proféticos. Por isso, concluíram que Cantares também poderia ser uma alegoria.[104] Quando a questão da canonicidade do livro de Cantares foi levantada no sínodo rabínico de Jâmnia, por volta do ano 90 d.C., não houve controvérsia em torno da questão de ser um livro inspirado ou não, mas houve uma discussão acerca da validade das razões para sua aceitação no cânon. A interpretação alegórica atesta a canonicidade do livro, pois, a partir do século II a.C., aplicava-se este método exegético aos livros incompreensíveis aos leitores daquele tempo. Mais tarde, os intérpretes que se empenharam a decifrá-lo não usavam o método alegórico apenas para explicar o sentido e a relevância, mas também para fins polêmicos entre grupos rivais de fariseus, saduceus, essênios e cristãos.[105] Quando a tradição cristã adota as Escrituras do AT, aceita também a canonicidade do livro de Cantares, Por isso, no Concílio de Constantinopla II (em 553), rejeitou-se o método interpretativo usado por Teodoro de Mopsuéstia, que minimizava a inspiração divina do livro.[106]

Cantares é uma coleção de aproximadamente 30 canções de amor agrupadas para formação de um diálogo entre um homem e uma mulher. Pode-se observar que a mulher está no centro, pois suas canções abrem e encerram o livro, e pode-se concluir que ela toma a iniciativa para o amor. Por isso, alguns intérpretes acreditam ser apenas um monólogo da mulher que fala ao amado,[107] mas observa-se, através das figuras de linguagem utilizadas pelo amado, que estas se dirigem a amada. É possível que

100 RÖSEL, Martin. **Panorama do Antigo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 88.
101 BENTZEN, 1968, p. 148.
102 RÖSEL, 2009, p. 88.
103 RÖSEL, Sinodal, 2009, p. 88.
104 FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?:** um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 296.
105 STADELMANN, Luís I. J. **Cântico dos Cânticos**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 1998, p. 27.
106 STADELMANN, p. 27.
107 RÖSEL, 2009, p. 88-89.

essas canções tenham sido cantadas originalmente em casamentos e também houve tentativas de reconstruir o roteiro de um musical.[108]

Há muitas expressões de amor e afeto ao longo do livro, além de comparações visuais, que são emolduradas em forma de poesia musical que celebra o amor humano, em uma relação monogâmica e heterossexual,[109] como dádiva de Deus.[110]

2.2.2 Análise da redação do texto

Acredita-se que o livro de Cantares foi escrito por Salomão. Salomão realmente foi uma personalidade muito importante e brilhante. Há várias tradições que elogiam sua sabedoria, sua riqueza e seu esplendor, que se estendem até o Novo Testamento.[111]

Ao analisarem-se os dados da fauna e da flora, dos aspectos característicos das paisagens palestinenses e da apologia da população local, pode-se concluir que o autor é um judeu nativo de Judá. Ele escreveu com o objetivo de envolver os judeus repatriados e conquistar a simpatia pelas aspirações dos judeus autóctones, a fim de levar a uma coesão social e irradiação das tradições israelitas na pátria e na diáspora.[112]

2.2.3 Análise do contexto histórico do texto

Dificilmente pode-se determinar a idade do livro de Cantares, pois não há consenso entre os pesquisadores. Alguns afirmam que se Salomão realmente teria sido o autor, como indica o versículo 1.[113] Dessa forma, a data de composição seria em meados do século 10 a.C., aproximadamente.[114] Conforme Zenger, pensa-se que tenha surgido em três épocas:[115] no período inicial do reinado, num período intermediário e parte no tempo helenístico.

Rösel afirma que, provavelmente, são coleções de cânticos mais antigos, com raízes extrabíblicas, que foram resumidos e compostos definitivamente na época pós-exílica.[116] Schmidt afirma que, através da linguagem, pode-se perceber que são textos pós-exílicos, que contém material traditivo mais antigo, da época da monarquia.[117] Já Sellin e Fohrer[118] datam por volta dos séculos V-IV a.C., excluindo-se a época de Salomão e toda época do exílio. Segundo eles, o colorido aramaico da linguagem

108 RÖSEL, 2009, p. 89.

109 Em virtude da queda (Gn 3) o projeto de Deus que ele declarou ser bom (Gn 1.31) foi corrompido. Ao invés do amor sexual ser uma fonte constante de alegria e bênção no casamento monogâmico e heterossexual, como Deus pretendia, tornou-se um meio de autogratificação pessoal, envolvendo luxúria e exploração, muitas vezes. Contudo, isso não precisa ser assim, o romance verdadeiro pode ser celebrado para glória de Deus preservando seu projeto original, e é sobre isso que o livro de Cantares fala. FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. Entendes o que lês?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 295.

110 FEE; STUART, 2011, p. 297.

111 GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel**: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. São Paulo: Teológica: Loyola, 2005, p. 158.

112 STADELMANN, 1998, p. 26.

113 “Cântico dos cânticos de Salomão.” Cantares 1.1 (ARA)

114 EATON, Michael A.; CARR, G. Lloyd. **Eclesiastes e Cantares**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 180.

115 Não se tem uma data exata em que o livro de Cantares foi escrito, mas pensa-se que surgiu em três épocas: 1 – no período inicial do reinado, na época salomônica (séculos X-IX) com seu senso humanista salomônico e suas relações intensas com o Egito, onde já havia uma poesia amorosa ricamente desenvolvida (conforme G. Gerleman); 2 – no período intermediário do reinado (VIII-VI), e alguns cânticos devem ter surgido no Reino do Norte e chegado a Judá após a destruição de Samaria (722 a.C.), pois os numerosos aramaísmos de Cantares não são imagináveis antes do século VIII, pois naquele tempo florescia a literatura romântica do Egito, com a qual Cantares tem muitos paralelos. Contudo, a menção do oásis Em-Guedi aponta para o final do século VII, pois algumas matérias exóticas de temperos e perfumes remetem ao final pré-exílico ou exílico (conforme O. Keel); 3 – grande maioria datam a coleção e redação finais no tempo helenístico (século III a.C.), pois há muitos aramaísmos lexicais e gramaticais, e não se sabe que o noivo era coroado antes do tempo helenístico. Permanece controvertido se a canonização de Cantares pressupõe que ele seja lido e compreendido alegoricamente, mas observa-se que o tema do amor sexual-erótico entre homem e mulher é ligado com a tradição da fé judaica em Javé (Ct 8.6), mesmo com influência estrangeira, conforme ZENGER, Erich et al. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2003, p. 345-346.

116 RÖSEL, 2009, p. 89.

117 SCHMIDT, 1994, p. 296.

118 SELLIN, Ernst; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Vol 2. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 446.

aponta para a época pós-exílica, tem-se a hipótese de que os cânticos seriam antigos e foram aramaicizados na época pós-exílica. O lugar de origem desses cânticos e da coleção como um todo é a Palestina, pois as muitas indicações referentes a lugares e construções indicam um bom conhecimento de Jerusalém e da região siro-palestinense.[119]

Acredita-se, a partir das pesquisas de Zenger e Eaton e Carr, que os poemas tenham surgido nos dias de Salomão e foram preservados e atualizados durante a época da monarquia dividida, à semelhança do livro de Provérbios,[120] e que alguns acréscimos podem ter sido feitos numa época posterior, com elementos helenistas.[121]

2.3 INTERTEXTUALIDADE

2.3.1 "Coloque-me como um selo sobre teu coração e sobre o teu braço"

O verbo שִׂים significa pôr, colocar, nomear, fazer, e vem acompanhado do sufixo comum da primeira pessoa no singular, ou seja, o amado deve colocar ou pôr a amada como um selo, fazendo uma comparação.

A palavra selo (כחותם) é um substantivo que se refere a um selo feito de pedra entalhada impresso em barro ou cera para autenticar um documento. Se fosse um selo cilíndrico, como o usado na Mesopotâmia, ficaria pendurado em volta do pescoço com auxílio de um cordão (Gn 38.18). Os selos de carimbar mais comuns na Palestina eram transportados e usados no dedo (Jr 22.24). Atualmente, encontram-se grande número de sinetes de carimbos em escavações arqueológicas na Palestina.[122] Aqui no versículo 6, o selo é usado em figura de linguagem que expressa que a amada deseja ser como o selo sobre o coração e o braço de seu amado.[123]

O coração (לֵב) é um substantivo que também significa entendimento e mente, sendo que o significado coração é comum a todas as línguas semíticas. Os usos de לֵב referem-se ao órgão interno e à correspondente região do corpo. Contudo, no sentido abstrato, refere-se à totalidade da natureza interior ou imaterial do homem. Na literatura bíblica é o vocábulo usado com maior frequência para indicar as funções imateriais da personalidade humana, e pode-se perceber que na Bíblia praticamente toda função imaterial do ser humano é atribuída ao coração.[124] Na concepção hebraica, o coração é o centro governador do ser humano como um todo, em seus atributos físicos, intelectuais e psicológicos. É o coração que faz o ser humano ser aquilo que ele é e governa todas as suas ações.[125] Por isso que a amada deseja estar sobre o coração, pois isso faz com que ela se sinta amada e perceba a fidelidade de seu amado para com ela. Ela também deseja estar como um selo sobre o braço de seu amado, e braço (זְרוֹעַ) é um substantivo que não tem uma etimologia clara, mas aparece em muitas línguas antigas. O sentido literal da palavra é pouco usado na Bíblia, sendo mais utilizada de maneira metafórica como símbolo de força, ou ainda figura antropomórfica do poder de Deus.[126] Assim sendo, acredita-se que ela deseja estar sobre o braço, pois dessa maneira sente-se protegida pelo amado, desejando estar com ele o tempo todo.

Eaton e Carr chamam os versículos 6 e 7 (Ct 8) de "compromisso". Afirmam que, no v. 6, o verbo "põe-me" remete ao antigo costume do Oriente Próximo de usar-se anéis com sinetes ou selos cilíndricos num cordão ao redor do pescoço. Os selos eram gravados em pedra ou metal, usados para marcar posse ou propriedade. O contexto desse versículo sugere que a moça deseja imprimir, de maneira profunda, e

119 SELLIN; FOHRER, 1983, p. 446.
120 EATON; CARR, 1989, p. 180.
121 ZENGER, Erich et al., 2003, p. 346.
122 HARRIS, Laird R. et al.,1998, p. 552.
123 HARRIS, Laird R. et al.,1998, p. 552.
124 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 765.
125 DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. Vol 1. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 322.
126 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 411.

abertamente a posse dela sobre o amado. Quando se trata de “teu coração... teu braço” tem-se terminações masculinas, a amada está falando ao amado. Destaca-se que os comentaristas têm encontrado problema com o uso da palavra braço, já que os anéis de sinete eram usados nas mãos, não nos braços. Alguns substituíram anéis por braceletes, tomando braços como paralelismo para dedos, baseado no poema Épico Keret, de Ugarit. O problema da figura de linguagem desaparece quando se interpreta que é um pedido da moça para que se marque o seu amado como lhe pertencendo.[127]

Ravasi afirma que Ct 8.5-7 é o ápice do livro de Cantares. Depois de 8 palavras do coro, a esposa se levanta num canto solene e altíssimo que tem seu clímax nos v. 6-7. A mulher consegue construir um hino à “divindade” do amor, um hino que celebra o poder e a alegria do amor, a maior realidade que o homem possui.[128] Ainda conforme Ravasi, o texto de Cantares é a exaltação da unidade, pois, no nível inferior do amor humano, saboreiam-se as primícias da vida intangível e indestrutível do próprio Deus, sendo uma irrupção do eterno na história.[129] Fala-se que o v. 6 sobe de tom e intensidade, se comparado ao v. 5, sendo quase uma palavra suprema e perfeita, pois a esposa quer exprimir a doação total que sela para sempre o amor. Por isso, o primeiro símbolo usado é o selo que expressa o desejo de unidade e proximidade.[130] Isso significa que a esposa é o mesmo eu do esposo, é sua célula de identidade, a mesma pessoa e a mesma carne.[131]

Storniolo e Balancin afirmam que o que é dito no v. 6 pela amada fornece a chave para a compreensão de todo livro, pois essas poucas palavras apresentam o mistério do amor: que busca a união total entre a mulher e o homem, como selo gravado no coração e no braço.[132] O pedido da amada é que ela seja a gravada como identificação nova para o amado. Além disso, “o coração é, na Bíblia, a sede do conhecimento, da consciência, dos projetos e das decisões. A amada pede para fazer parte do mundo do amado, tornando-se sempre presente em sua consciência, projetos e decisões”.[133] Além disso, o braço simboliza metaforicamente a atividade, ou seja, a amada quer estar sempre junto do amado, participando de toda ação dele. Observa-se que o pedido da amada é para que os dois sejam um e que vivam unidos de tal forma que sua consciência e ação sejam como fruto da interpenetração dos dois.[134] Pfeiffer e Harrison interpretam na mesma direção de Ravasi o v. 6, na questão do pedido da esposa para que a coloque sobre o braço e o coração, e concluem dizendo que o simbolismo presente é a expressão do desejo irresistível da esposa de ser a propriedade mais preciosa de seu marido.[135]

2.3.2 “O amor é forte como a morte”

O amor neste versículo é comparado com a força da morte. O amor (אַהֲבָה) descreve frequentemente o amor entre seres humanos, e é possível amar coisas concretas e abstratas.[136] No Antigo Testamento, o amor é a mais profunda expressão possível da personalidade e da intimidade de relações pessoais, e, no sentido não-religioso, o termo é empregado para indicar a atração mútua dos sexos, onde não há nenhum sentido de restrição ou imundícia. É uma palavra empregada para indicar as muitas relações pessoais que não têm nenhuma conexão com o impulso sexual.[137] Este substantivo feminino descreve o amor do marido pela esposa, além de descrever também o amor de Deus pelo seu povo. Como substantivo, ocorre com frequência na literatura sapiencial, principalmente no livro de Cantares, sendo traduzido por amor em versículos conhecidos como: “seu estandarte sobre mim é o amor”

127 EATON; CARR, 1989, p. 328.
128 RAVASI, Gianfranco. **Cântico dos Cânticos**. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 131.
129 RAVASI, 1988, p. 132.
130 RAVASI, 1988, p. 133.
131 RAVASI, 1988, p. 134.
132 STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides Martins. **Como ler o Cântico dos Cânticos**: o amor é uma faísca de Deus. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 36.
133 STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 37.
134 STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 37.
135 PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. **Comentário Bíblico Moody**: Josué a Cantares. Vol 2. São Paulo: Batista Regular, 2001, p. 507.
136 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 20
137 DOUGLAS, 1991, p. 69.

(2.4), “desfaleço de amor” (2.5 e 5.8), “o amor é forte como a morte” (8.6) e “as muitas águas não poderiam apagar o amor” (8.7).[138]

O amor tem a força da morte (כַּמָּוֶת). A palavra aqui usada pode se referir a morte por causas naturais ou morte violenta.[139] A raiz não se limita à morte de seres humanos, mas é usada de forma predominante para referir-se aos seres humanos. A raiz designa o processo de morrer e a própria morte. Os cananeus empregavam a palavra como nome do deus da morte e do mundo dos mortos, deus Mot. Em hebraico, é ocasionalmente usada no sentido metafórico, mas, em geral, é usada para falar da morte física. O ensino normativo do Antigo Testamento acerca da morte encontra-se em Gn 3.3, em que Deus adverte Adão e Eva de que a morte é o resultado da rebeldia contra seus mandamentos. A introdução da morte foi o resultado indesejável, mas resultado da desobediência, uma vez que o propósito de Deus era de uma vida que jamais acabasse.[140] A partir da afirmação de que o amor é forte como a morte, pode-se chegar à conclusão de que, assim como a morte acontece apenas uma vez na vida dos seres humanos, o amor também acontece apenas uma vez e para toda a vida. Enfatiza-se essa força do amor conjugal nos votos de bênção matrimonial, afirmando-se que é até que a morte os separe. Apesar de que, atualmente, em muitas bênçãos matrimoniais, não se enfatiza mais que é até que a morte os separe.

Eaton e Carr destacam que Pope apresenta um ensaio adicional de vinte páginas sobre o amor e a morte, onde liga essa passagem e o livro de Cantares como um todo a uma cerimônia fúnebre, mas afirmam que essa interpretação parece forçada e não plausível. Destacam que, quando se diz que o amor é forte como a morte, há um caráter comparativo e não superlativo, pois, assim como a morte é o destino de todos, e quando a morte chama todos respondem, quando o amor convoca seu apelo é irresistível.[141]

Segundo Ravasi, essa recíproca pertença, quase que uma simbiose, não pode ser rompida por um adversário poderoso e nem pela morte. A morte é o buraco negro no qual tudo é devorado, mas o amor com sua paixão (ou ciúme) ardente e exclusiva consegue sobreviver.[142]

Storniolo e Balancin dizem que, nas cerimônias de casamento, costumamos ouvir “até que a morte os separe”, pois a morte é um fato da vida da qual ninguém pode escapar, mas o amor é forte como a morte, ou seja, tem a mesma força, e, no confronto com a morte, consegue-se vencer e sobreviver.[143]

Pfeiffer e Harrison afirmam que o rei Salomão, que compôs esse hino inspirado pelo Espírito Santo, transcende suas atitudes, porque, para atender o desejo da Sulamita, deveria abandonar a poligamia. A expressão de amor fervoroso do qual a Sulamita fala aponta para o caráter monogâmico do casamento, que é a união de um homem com uma mulher. Expressa também que o desejo de alguém que ama de verdade é tão forte que se entrega totalmente ao outro e deseja a mesma afeição em troca. Esse amor só pode vir do Senhor, que o coloca no coração do ser humano e não pode ser extinto.[144]

2.3.3 “Duro como a sepultura o ciúme”

Ciúme (קְנָאָה) é uma palavra que também pode significar ter inveja, ter zelo[145] ou paixão.[146] Expressa uma emoção forte em que o sujeito deseja alguma qualidade ou a posse do objeto. Pode-se empregar o termo num sentido puramente descritivo para denotar uma característica das pessoas vivas ou em sentido depreciativo para indicar paixões hostis e que causam contenda, ou num sentido positivo que designa o zelo consumidor que se encontra na pessoa amada. A raiz é frequentemente traduzida por invejar, mas o significado central do vocábulo tem a ver com ciúme, principalmente quando se trata do relacionamento conjugal. O adultério era castigado com a morte (Lv 20.10), pois com o casamento

138 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 21.
139 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 820.
140 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 820.
141 EATON; CARR, 1989, p. 329.
142 RAVASI, 1988, p. 134.
143 STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 37.
144 PFEIFFER; HARRISON, 2001, p. 508.
145 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1349.
146 Conforme HOLLADAY, William L. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 454.

tornam-se uma só carne (Gn 2.24), e o adultério é como cortar fora uma parte do corpo, sendo uma forma de assassinato.

A partir da queda, a mulher deve sujeitar-se à liderança do marido. A partir disso, estabeleceram-se dispositivos para que o marido acusasse a mulher de ter cometido adultério, caso suspeitasse, mas também era um meio pelo qual uma mulher acusada que era inocente poderia livrar-se da acusação e da indignação de um marido ciumento, na medida em que o próprio Deus iria declará-la inocente. E a lei estabelecia o fim adequado para o ciúme justificado, a morte do culpado.[147] Como substantivo, a palavra ciúme ardente, zelo ou ira descreve o estado em que está o sujeito tomado de ciúme, tanto no sentido positivo como negativo.[148] Em Cantares 8.6, traduz-se o vocábulo num sentido negativo: o ciúme é cruel como o sheol (ou sepultura), mas pode ser entendido com uma conotação positiva em paralelo com a frase precedente "o amor é forte como a morte",[149] no sentido de ter zelo e cuidado para com o amado.

O ciúme é duro como a sepultura[150] (שְׁאוֹל). O termo sheol é derivado do termo hebraico shaal que significa perguntar ou pedir, mas a etimologia da palavra é incerta. O vocábulo não ocorre fora do Antigo Testamento, com uma única exceção que foi encontrada nos papiros judaicos de Elefantina onde é usado no sentido de sepultura. A palavra se refere ao lugar dos mortos.[151] Sustenta-se um duplo sentido para a palavra sheol; pode-se dizer que, originalmente, a palavra apenas significava sepultura e túmulo, e depois passou a significar também inferno, que expressa o sentido mais enfocado na literatura bíblica posterior ao Pentateuco.[152] Um ponto de vista comum é que sheol é o nome para o mundo subterrâneo dos mortos, onde vivem em trevas e tristeza, comem barro e são atormentadas, entretanto há um problema com este ponto de vista. Outro ponto de vista é de que sheol não descreve o lugar aonde vão às almas dos homens, mas ao lugar aonde vão seus corpos, ou seja, a sepultura.[153] A palavra pertence principalmente à linguagem poética; metade das evidências encontra-se em Salmos, Jó e Provérbios.[154]

Assim como o amor é forte como a morte, o ciúme é duro como a sepultura. Pode-se perceber que a palavra pode também significar paixão, o que é um termo semelhante ao ciúme doentio. Contudo, não parece ser esse o enfoque do texto bíblico, e sim mostrar que o ciúme, quando bem administrado, não se torna um empecilho no relacionamento conjugal, mas é uma forma de se expressar o cuidado e zelo para com o esposo ou a esposa.

Conforme Eaton e Carr, a outra palavra que se destaca é o ciúme, que não deve ser entendida num sentido negativo, mas como afirmativa dos legítimos direitos de posse. Sobre a sepultura, dizem apenas que é a habitação dos mortos.[155] Segundo Storniolo e Balancin, a paixão é cruel como o abismo, e do abismo não se tem possibilidade de retorno, e assim é a força inexorável da paixão que liga duas pessoas, desafiando qualquer motivo ou explicação.[156]

2.3.4 "Seu brilho como faíscas de fogo, labaredas do Senhor"

Fala-se da faísca (רֶשֶׁף), que pode ser também traduzida por chama ou relâmpago. Acredita-se que muitas vezes o termo não se refere a faíscas literais, mas a Resheph, que é deus da febre e das epidemias. É possível que em Jó e em outros livros ocorram referências a temas mitológicos, usadas com fins ilustrativos, sem implicar crença em sua existência. Deve-se lembrar de que Israel viveu num contexto animista, em que os objetos da natureza eram tratados como deuses, mas, quando Israel usa termos como sol, mar ou fogo, não estava desmitologizando necessariamente, mas se recusava a falar da mesma

147 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1349.
148 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1350.
149 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1350.
150 O termo sheol também pode significar túmulo, inferno ou cova, conforme Dicionário Internacional de Teologia do AT, p. 1502.
151 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1502.
152 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1503.
153 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1503.
154 "Das Wort gehört hauptsächlich zur poetischen Sprache; die Hälfte der Belege findet sich in Ps/Hi/Spr" conforme JENNI, Ernst. **Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament**. Band 2. München: Chr. Kaiser, 1984, p. 839.
155 EATON; CARR, 1989, p. 329.
156 STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 37.

maneira que os animistas.[157] Alguns comentaristas[158] dizem que o termo não expressa a faísca ou chama em si, mas se refere ao brilho ou queima da faísca, nesse versículo.

A força do amor é comparada ao brilho das faíscas de fogo, labareda (שַׁלְהֶבֶתְיָה) ou chama[159] (veemente, divina ou poderosa), que se refere à chama do fogo. No árabe, significa arder de sede; no acadiano, tem sentido de febre; em aramaico, no grau shafel, quer dizer consumir com fogo. A palavra denota as chamas que saem da boca do Leviatã (Jó 41.21) e as chamas literais de um altar sobre as quais o anjo ascendeu aos céus (Jz 13.20), e o crepitar de chamas é um dos ruídos da invasão (Jl 2.5).[160] Fala-se de chamas devoradoras sobrenaturais que estarão entre os grandes juízos de Deus no final da história (Is 29.6; 30.30).[161] É usada como símbolo poético, duas vezes para referir-se ao juízo (Jó 15.30 e Ez 20.47) e uma vez para simbolizar o ciúme (Ct 8.6).[162] A parte final da palavra (יָהּ) se refere a Yahweh (Senhor), conforme a Bíblia de Jerusalém traduz, mas não é acordo entre os comentaristas.

Percebe-se que o autor do livro de Cantares fala acerca do amor que é duradouro, que é único e compara-o com a força da morte, pois não se consegue resistir a ela. Além disso, esse amor é como faíscas de fogo que são labaredas do Senhor (ou, como já mencionado, de Yahweh), ou seja, o amor verdadeiro procede de Deus; é Deus quem dá a força ao amor conjugal para que dure até que a morte os separe.

Faíscas ou brasas tratam o termo como se fosse um verbo: “queima” ou “brilha”. A palavra “veementes labaredas” ou “labaredas divinas” pode ter o sentido de que o amor é uma chama cuja origem está em Deus, por causa da última sílaba do hebraico. Mesmo que essa tradução seja tecnicamente verdadeira, o fato de que este é o único lugar, em todo o livro de Cantares, que há a possibilidade o uso do nome divino, milita contra esta compreensão e interpretação da última sílaba. É mais provável que se trata de um simples uso de expressão idiomática padrão, como superlativo.[163]

Conforme Ravasi, as chamas do amor não são débeis e facilmente extinguíveis, mas são centelhas colossais, raios que a divindade pode arrojar sobre a terra. As chamas do amor são chamas divinas, literalmente; são chamas supremas e invencíveis, semelhantes às da sarça ardente (Êxodo 3.2). Afirma que, mesmo que se saiba que o nome de Deus juntado a um substantivo pode equivaler a um superlativo e pode-se traduzir por chama colossal, é mais fácil reconhecer nesta única citação do nome santo de Deus em Cantares um traço mais forte, pois o amor de alguma forma participa da própria força de Deus.[164]

Storniolo e Balancin afirmam que, quando se fala em faísca de Javé, se quer dizer que a experiência do amor é, no fundo, a experiência da manifestação do próprio Deus. Entende-se o porquê de o livro de Cantares usar imagens e metáforas ao referir-se ao amor: o amor é inexplicável e indizível, e afirma-se que, segundo Cantares, o amor é o santuário no qual Deus se torna presente para toda a humanidade.[165]

2.3.5 “As muitas águas não poderão apagar o amor e os rios não o afogarão”

O versículo 7 inicia dizendo que as muitas águas não podem apagar o amor. O verbo apagar (כַּבּוֹ) é um termo que também significa extinguir, ser extinto e apagado. A raiz aparece em árabe com o mesmo significado. Refere-se a um fogo que não pode ser extinto por ninguém mais senão Deus, em que o fogo é referência à ira divina. De 6 referências literais ao fogo, 5 são de algum fogo que não se apaga. Essa preocupação de que algo não se apaga também reflete nos usos figurados em que a vida (2 Sm 14.7 e

157 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1460.
158 Trata-se o termo faíscas ou brasas como se fosse um verbo: “queima” ou “brilha”, conforme EATON; CARR, 1989, p. 329.
159 Conforme HOLLADAY, 2010, p. 527.
160 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 771.
161 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 772.
162 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 772.
163 EATON; CARR, 1989, p. 329.
164 RAVASI, 1988, p. 134-135.
165 STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 38.

21.17) e o amor (Ct 8.7) são representados pelo fogo.[166] Observa-se que o amor verdadeiro, que vem de Deus (quando se fala em labaredas divinas), não pode ser apagado pelas muitas águas. Se o amor que nutre o relacionamento conjugal é buscado em Deus, podem vir momentos difíceis, que o amor prevalecerá.

Também os rios não podem afogar esse amor, o que denota a força do amor. O verbo afogar (יִשְׁטְפוּהָ) significa também lavar, enxaguar, transbordar, engolfar, sendo que os principais usos são transbordar e engolfar.[167] O verbo é associado, na maioria das vezes, à água corrente, como o rio nesse versículo (Ct 8.7). Na grande maioria dos versículos, a ideia de torrente transbordante se refere ao juízo de Deus sobre seu povo.[168] Contudo, nesse versículo há praticamente o mesmo sentido de que as águas que não podem apagar o amor, da mesma forma, os rios não poderão afogá-lo. Por isso, acredita-se que realmente haja uma comparação do amor com as labaredas do Senhor (ou Yahweh conforme a BJ), pois o amor que é buscado em Deus não pode ser apagado ou afogado por qualquer circunstância que apareça no relacionamento.

Segundo Eaton e Carr, o v. 7 fala do poder tenaz e persistente do amor que é colocado em confronto com estas enchentes e rios perenes, cujas águas são impotentes para desfazer o amor ou para apagar-lhe às chamas.[169]

Conforme Ravasi**,** no v. 7 fala-se de grandes águas, que no AT são imagem do caos ou do abismo, que levam à destruição, à morte e à desgraça, mas o amor consegue resistir a todo adversário. Afirma-se que é como a rocha contra a qual a ira dos rios caudalosos pelas chuvas ou pelo degelo se deve quebrantar (conforme o Salmo 46).[170] Storniolo e Balancin dizem que se apresenta a indestrutibilidade e invencibilidade do amor, pois nem a tempestade e nem um rio caudaloso poderiam afogar o fogo do amor. Em relação às águas, fala na mesma direção que Ravasi, de que as forças do caos não podem destruir o amor.[171]

2.3.6 “Se o homem der toda fortuna de sua casa por amor, será totalmente desprezado”

Quem quiser dar os bens da casa em troca do amor será totalmente desprezado, pois o amor não pode ser negociado. A palavra bens ou fortuna (הָוֹן) significa também suficiência, riquezas, posses. O substantivo é usado de forma poética 26 vezes: em Provérbios, Ezequiel, Salmos e Cantares. O sentido de bens e riqueza pode ter se desenvolvido da ideia daquilo que é necessário para “tornar a vida fácil”.[172] Os bens aqui mencionados são os da casa (בֵּיתוֹ), são bens do lar ou da família.[173] A palavra casa é usada no sentido de habitação e refere-se a casas comuns, à casa do rei, ao tesouro, à prisão e também à casa de uma divindade,[174] mas, no contexto desse versículo, pode-se imaginar que é o que sustentava a família e tornava a vida da família mais fácil. Isso não pode ser dado em troca do amor, pois quem fará tal coisa será totalmente desprezado (בָּוֹז יָבֻוזוּ). Desprezar o próximo é algo muito sério; as Escrituras evidenciam a dignidade do homem, e torna-se culpado de pecado quem desrespeitar a dignidade do ser humano, pois desprezar o próximo é falhar em amá-lo como a si mesmo.[175] Ainda que alguém desse tudo o que tem pelo amor, não conseguiria adquiri-lo e seria totalmente desprezado – no hebraico há uma ênfase onde se repete duas vezes a palavra desprezar. Já o Dicionário Internacional de Teologia do AT interpreta a frase no sentido de que alguém pode ter outra pessoa em tão alta estima, por causa do amor, que, em

166 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 699.
167 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1549.
168 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 1550.
169 EATON; CARR, 1989, p. 330.
170 RAVASI, 1988, p. 135-136.
171 STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 38-39.
172 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 350.
173 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 174.
174 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 175.
175 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 158.

contraste, despreza a casa da riqueza (Ct 8.7),[176] talvez porque justamente o amor não é um produto negociável, mas algo que deve ser vivenciado.

Eaton e Carr acreditam que a essa última metade do versículo 7 falta poesia pelo fato de muitos comentaristas considerarem uma adição posterior ou um fragmento corrompido que foi anexado ao versículo 7. Apesar disso, afirmam que essa parte enfatiza de que o amor não está à venda.[177]

Da parte final do versículo 7, Ravasi afirma que é uma espécie de ditado popular. O tema do qual se fala é o da gratuidade do amor, pois o amor não pode ser considerado um bem econômico ou objeto de comércio que possui cotação. Contudo, infelizmente isso acontece, humilhando-se pessoas e depravando-se a própria sexualidade humana.[178] Afirma-se que "quem quer 'comprar' o amor, na realidade só compra um objeto sexual e humilha a si próprio e a outra pessoa, tornando-se um ser desprezível".[179] Afirma também que essa parte final do versículo torna-se uma implícita crítica à prática oriental do casamento, que era "negociado entre os clãs familiares, prescindindo da vontade dos dois protagonistas, e ao uso do dote a pagar",[180] pois o amor não pode ser um bem comercializável.

Conforme Storniolo e Balancin, o amor é um dom gratuito; mesmo que a pessoa mais rica quisesse comprar o amor, se frustraria, pois o amor não pode ser forçado e nem é mercadoria a ser vendida: "uma sociedade consumista pode até gabar-se de fabricar e vender tudo o que se possa imaginar, mas ela será sempre derrotada pelo amor que, por não ser mercadoria, jamais será dominado por ela".[181] Também se afirma que o autor está criticando o casamento negociado como era costume, o que merece apenas o desprezo.[182]

Pfeiffer e Harrison discorrem acerca do amor que não pode ser comprado, pois nem mesmo Salomão, com toda sua riqueza, poderia comprar o amor da jovem Sulamita, pois ela lhe deu amor de forma espontânea. Esse amor absoluto é semelhante ao ideal entre Deus e seu povo, pois somos advertidos a não servirmos dois senhores (Mateus 6.24) e a amarmos o Senhor de todo coração (Marcos 12.30).[183]

Lamparter afirma que se pode entender o final do v. 7 de duas maneiras: 1 – o amor é tão único e sem obrigatoriedade e torna os amantes tão felizes, assim como todo o livro de Cantares demonstra, que seria totalmente compreensível e de nenhum modo louco se alguém desse tudo o que tem em troca desse amor, pois é o maior entre os bens terrenos; 2 – se alguém pensasse que poderia por dinheiro ou bem ou tudo o que lhe pertence adquirir o amor, então seria debochado como idiota, pois o amor não pode ser comprado. Observa-se que, em Cantares, duas pessoas encontram-se, presenteiam-se um ao outro e selam o laço de amor através da fidelidade.[184]

2.4 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.4.1 Análise da recepção do texto

Não se tem uma referência a Cantares 8.6-7 no Novo Testamento, provavelmente por ser pouco conhecido na época ou por não haver um modelo de interpretação natural.

176 HARRIS, Laird R. et al., 1998, p. 159.
177 EATON; CARR, 1989, p. 330.
178 RAVASI, 1988, p. 137.
179 RAVASI, 1988, p. 137.
180 RAVASI, 1988, p. 137.
181 STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 39.
182 STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 40.
183 PFEIFFER; HARRISON, 2001, p. 508.
184 LAMPARTER, Helmut. **Das Buch der Sehnsucht**: Das Buch Ruth - Das Hohe Lied - Die Klagelieder. 3. ed. Stuttgart: Calwer Verlag, 1988, p. 125.

2.4.2 A interpretação do texto na pesquisa exegética

Lutero afirma que o livro de Cantares é um cântico de louvor em que Salomão louva a Deus pela obediência, tida como dádiva de Deus. Afirma que "onde Deus não cuida da casa e não governa por sua própria conta, não existe, em nenhum estamento, nem obediência nem paz. Onde, porém, há obediência, ou um bom regimento, lá habita Deus, que beija e abraça sua noiva amada com sua Palavra, isto é, com o ósculo de sua boca".[185]

Fala-se de alguns tipos de interpretação na pesquisa exegética do livro de Cantares. Stadelmann fala em alegoria, drama, liturgia e poema lírico. A primeira forma de interpretação que é abordada é a alegoria. Enfatiza que o uso indevido do livro de Cantares em ambiente profano fez com que a interpretação fosse alegórica, pois se queria evitar que a mensagem de Cantares se desvirtuasse e por isso ressaltou-se a dimensão soteriológica, relacionando-o ao evento da Páscoa e interpretando-o como alegoria histórica desde o êxodo até a vinda do Messias. Os textos proféticos é que forneceram essa chave de leitura.[186] Mais tarde, fez-se uma distinção entre alegoria e tipologia no cristianismo: na alegoria, vê-se o livro de Cantares como uma sequência de metáforas ou uma parábola que representa a relação de Cristo e a Igreja, identificando-se Cristo como o noivo e a Igreja como a noiva; já na tipologia, Salomão é o "tipo" e Cristo o "antítipo", sendo que o conteúdo do livro representa o mistério do amor de Cristo para com a Igreja.[187]

A segunda forma de interpretação é o drama, que surge com o declínio da interpretação alegórica, e procurava explicar o livro de Cantares como um drama em vários atos encenando o amor conjugal. As figuras do drama são caracterizadas de formas diversas, dependendo da visão do intérprete: para alguns, Salomão é um herói, e para outros um vilão; alguns dizem ser um pastor anônimo apaixonado por uma donzela, e outros o representam como travestido de rei. Para justificar a presença do livro na Bíblia, foi mencionada a questão da simplicidade da vida rural em contraste com o fausto da corte, a fidelidade da noiva ao noivo, o ideal de um casamento monogâmico e protesto contra a poligamia ou polêmica contra o divórcio.[188]

A terceira forma de interpretação citada é a liturgia, que é uma interpretação mítico-cultural de Cantares que usou o método alegórico, mas secularizou as figuras de Salomão e da Sulamita, que representariam as divindades Tammuz e Ishtar (substituindo Javé/Cristo e Israel/Igreja da alegoria judaica e cristã). O *Sitz in Leben* seria a mitologia e a religião politeísta da Babilônia onde eram praticados os cultos de fertilidade.[189]

Stadelmann tem uma visão crítica sobre as interpretações alegórica, dramática e litúrgica, dizendo que são alheias ao livro de Cantares e que foram impostas ao texto, sacrificando-se a relação entre as unidades literárias para que a estrutura do livro fosse compatível com o respectivo gênero.[190]

A quarta forma de interpretação, chamada naturalista, vê em Cantares um colóquio de amor natural entre Salomão e a Sulamita por ocasião de um casamento. Essa forma de interpretação foi exposta por Teodoro de Mopsuéstia já no século V d.C. e por outros, mas caiu no esquecimento até que foi ressuscitada por S. Castellio no século XVI e retomada na segunda metade do século XX. Resgatou-se o livro da interpretação espiritual e figurativa, situando-a na esfera antropológica e literal, mas não houve consenso entre todos os comentaristas. Sugeriu-se a divisão em 7 partes para corresponder aos sete dias da celebração do casamento hebreu. Para outros, seria uma antologia de cantigas de amor semelhantes aos cânticos de poesia amorosa da literatura egípcia, ou, ainda, uma compilação de cantos de amor da poesia popular.[191] Como não houve consenso sobre praticamente nada no livro de Cantares, recorreu-se ao sentido teológico do amor em harmonia com a visão do homem e da mulher como é

185 LUTHER, Martin. **Martinho Lutero**: obras selecionadas. Vol 8. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 39.
186 STADELMANN, Luís I. J. **Cântico dos Cânticos**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 1998, p. 16.
187 STADELMANN, 1998, p. 17.
188 STADELMANN, 1998, p. 17.
189 STADELMANN, 1998, p. 17-18.
190 STADELMANN, 1998, p. 18.
191 STADELMANN, 1998, p. 18.

proposto em Gênesis 2.18-25 e aconselhado em Provérbios 5.15-20 para corroborar a tese sobre a bondade da criação e a maravilha do amor humano.[192]

192 STADELMANN, 1998, p. 20.

3. CASAMENTO NO HORIZONTE DA CULTURA CONTEMPORÂNEA - REFLEXÕES

Na atualidade, os relacionamentos tendem a ser menos duradouros, o que também pode ser percebido nos casamentos e tem sido preocupante. Há muitas pessoas que não querem assumir um compromisso tão significativo quanto o casamento, e outras pessoas casam acreditando que o amor entre elas será diferente. Há conflitos no casamento, pois duas pessoas vindas de ambientes diversos e com diferentes personalidades iniciam juntas no casamento que é a mais íntima das relações humanas. Há muito esforço para que aprendam a solucionar conflitos; contudo, poucos casais conseguem lidar com isso, e os atritos acabam explodindo.[193]

3.1 CASAMENTO E DIVÓRCIO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Conforme o IBGE,[194] no Brasil, o número de casamentos entre pessoas solteiras têm aumentado, de 651.238 em 2003 para 818.300 em 2011.[195] Contudo, ao passo que este número aumenta, o número de separações judiciais também aumentou: em 1984, o número de separações judiciais era de 62.547; no ano de 2000, passou para 96.207;[196] em 2003, eram 100.985, e 2011, o número baixa para apenas 6.790.[197] Isso aconteceu devido a Emenda Constitucional no 66/2010, aprovada em 13 de julho de 2010, que deu nova redação ao § 6º do art. 226 da Constituição Federal, que dispõe sobre a dissolubilidade do casamento civil pelo divórcio, suprimindo o requisito de prévia separação judicial por mais de um ano ou de comprovada separação de fato por mais de dois anos,[198] ou seja, o casamento, que antes era uma união indissolúvel, passa a ser dissolvido pelo divórcio.

O art. 144 da Constituição de 1934 trazia o Princípio da Indissolubilidade do casamento: “a família, constituída pelo casamento indissolúvel, está sob a proteção especial do Estado”. Esse princípio foi repetido nas Constituições de 1937, 1946 e 1967. Já a Emenda Constitucional nº 9/1977 alterou o texto do § 1º do art. 167 da Constituição Federal de 1967 com a redação de que “o casamento somente poderá ser dissolvido, nos casos expressos em lei, desde que haja prévia separação judicial por mais de três anos”, abolindo o princípio da indissolubilidade do casamento. Ainda, em razão da Emenda Constitucional nº 9/1977, o art. 226, § 6º da Constituição de 1988 vigorava com o seguinte texto: “O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação judicial por mais de um ano nos casos expressos em lei, ou comprovada separação de fato por mais de dois anos”. As restrições para a obtenção do divórcio sempre foram criticadas, pois multiplicava-se o número de processos, de burocracia e de despesas,[199] e por isso facilitou-se o divórcio.

Em 2014, o Brasil registrou 1.106.440 casamentos, o que representou um aumento de 5,1% em relação a 2013. Em números absolutos, isso representa 53.993 casamentos há mais de um ano para outro. O dado faz parte da pesquisa Estatística do Registro Civil 2014 (IBGE). A pesquisa mostra que, ao longo dos anos, o índice de casamentos foi diminuindo. Na década de 1970, observaram-se altas taxas de nupcialidade: em torno de 13 casamentos por mil habitantes de 15 anos ou mais. Na década de 1980, essas taxas começaram a cair para 11 casamentos por mil habitantes. Na década de 1990, foi registrado o declínio mais acentuado da série, com a taxa passando de 7,96 para cada grupo de mil habitantes para

193 COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 146.
194 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
195 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=RGC278&t=casamento-conjuges- solteiros>. Acesso em: 10 mai. 2017.
196 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=RC55&t=separacoes-judiciais>. Acesso em: 10 mai. 2017.
197 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=RGC300&t=separacoes-judiciais>. Acesso em: 10 mai. 2017.
198 CÓDIGO CIVIL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc66.htm>. Acesso em: 10 mai. 2017.
199 DIREITO NET. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/5938/O-Novo-Divorcio-Emenda-Constitucional-no-66-2010>. Acesso em: 10 mai. 2017.

taxas próximas a 7 por mil habitantes, na década seguinte. Recentemente, a taxa de nupcialidade cresceu, passando de 6,9 por mil habitantes, em 2013, para 7,1 por mil habitantes, em 2014.[200]

A idade média dos cônjuges solteiros homens, na data do casamento, passou de 27 anos para 30 anos, entre 1974 e 2014, enquanto entre as mulheres passou de 23 para 27 anos, nesse período. Entre os cônjuges de mesmo sexo, a idade média observada foi de 34 anos para homens e mulheres, em 2014. Nos grupos etários de 15 a 19 anos e 20 a 24 anos, observou-se, claramente, nos últimos 40 anos, a tendência de redução dos casamentos, evidenciando a postergação dessas uniões para idades mais avançadas. Em contrapartida, a partir de 1994, os grupos de 30 a 34 anos, 35 a 39 anos e 45 a 49 anos apresentaram crescimento da taxa de nupcialidade. O adiamento do casamento pode decorrer do maior tempo dedicado aos estudos, bem como pela busca de inserção no mercado de trabalho com salários mais elevados, especialmente entre as pessoas mais jovens, aponta o IBGE. O IBGE apurou uma redução no indicador de recasamentos (quando pelo menos um dos cônjuges tinha o estado civil divorciado ou viúvo) de 86,3% para 76,4% entre 2004 e 2014. Em paralelo, houve crescimento da proporção de recasamentos, representando 23,6% do total das uniões formalizadas em 2014, ante 13,7%, em 2004, e 17,6%, em 2009.[201]

O número de casamentos entre pessoas do mesmo sexo também explodiu, registrando uma alta de 31,2% entre 2013 e 2014. Foram 1.153 uniões homoafetivas a mais, num total de 4.854 – 50,3% entre cônjuges do sexo feminino e 49,7%, do masculino. A maior concentração de uniões homoafetivas é no Sudeste (60,7%); a menor, no Norte (3,4%). São Paulo é o estado que tem maior número de uniões homoafetivas com 42,2% do total dos registros do Brasil, e em Roraima houve apenas 5 uniões. O crescimento dos registros se deu a partir da aprovação, pelo Conselho Nacional de Justiça em maio de 2013, da resolução que obriga os cartórios a celebrar o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e a converter a união estável homoafetiva em casamento. Os casamentos homoafetivos representaram 0,4% do total de 1,1 milhão de casamentos no Brasil em 2014.[202]

Em 2014, o Brasil registrou 341,1 mil divórcios ante 130,5 mil registros em 2004. É um salto de 161,4% em dez anos. Na avaliação do IBGE, a elevação sucessiva do número de divórcios concedidos revela uma gradual mudança de comportamento da sociedade brasileira, que passou a aceitá-lo com maior naturalidade e a acessar os serviços de Justiça de modo a formalizar as dissoluções dos casamentos. No período entre 1984 e 2014, constatou-se redução na duração dos casamentos, de 19 para 15 anos (tempo médio transcorrido entre a data do casamento e da sentença de divórcio ou da escritura de divórcio). Em 2014, os casamentos duravam mais tempo, em média, nas regiões Nordeste e Sul (16 anos em ambas).[203]

Em 2015, o Brasil registrou 1.137.321 casamentos civis, 2,8% a mais que em 2014. O IBGE também constatou que, em 2015, houve declínio no número de divórcios concedidos, tendo sido registrados 328.960, contra 341.181 em 2014, ou seja, 12.221 divórcios a menos. De acordo com o IBGE, ocorreram 1.131.707 casamentos entre pessoas de sexos opostos, o que representa 99,5% do total, e 5.614 entre pessoas do mesmo sexo em 2015, equivalente a 0,5%. De acordo com o IBGE, o incentivo à oficialização das uniões por meio de casamentos coletivos decorrentes de parcerias entre prefeituras, cartórios e igrejas, contribuiu, em grande medida, para o crescimento do número de casamentos oficiais em alguns estados brasileiros. Considerando os casamentos entre sexos diferentes, as uniões entre cônjuges solteiros ficaram em primeiro lugar, com 76,0% do total das uniões legais. Em segundo, com 9,6%, estavam os casamentos entre mulher solteira e homem divorciado, seguidos pelos casais formados por mulheres divorciadas com os homens solteiros, 6,4%.[204]

200 BRASIL. **Cidadania e justiça**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/casamentos-crescem-e-brasil-tem-1-1-milhao-de-unioes-em-2014>. Acesso em: 10 mai. 2017.

201 BRASIL. **Cidadania e justiça**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/casamentos-crescem-e-brasil-tem-1-1-milhao-de-unioes-em-2014>. Acesso em: 10 mai. 2017.

202 VEJA. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/ibge-brasileiro-esta-se-casando-mais-mas-uniao-dura-menos/>. Acesso em: 10 mai. 2017.

203 BRASIL. **Cidadania e justiça**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/em-10-anos-taxa-de-divorcios-cresce-mais-de-160-no-pais>. Acesso em: 10 mai. 2017.

204 NOTÍCIAS R7. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/casamentos-aumentam-e-divorcios-caem-no-brasil-aponta-ibge-24112016>. Acesso em: 10 mai. 2017.

O que chama a atenção é que, quando a lei previa a indissolubilidade do casamento, havia menos casamentos porque, provavelmente, pensava-se mais antes de se casar e tinha-se em mente de que é um compromisso para a vida inteira. À medida que a lei acaba com o princípio da indissolubilidade, ocorrem mais casamentos, e também há um aumento do número de separações e divórcios. Quando a lei do divórcio é aprovada, observa-se que, em apenas 10 anos, há um aumento de 161,4% no número de divórcios, e, a cada ano, também aumenta o número de casamentos porque, muitas vezes, casa-se pensando que se pode divorciar "quando não der mais certo" ou "quando o amor acabar". Segundo Stapleton e Bright, há mais pessoas se divorciando não só porque o divórcio se tornou mais fácil, mas porque se espera muito mais do casamento. Contudo, a intimidade, que é importante para o relacionamento, somente cresce quando o compromisso é incondicional e em longo prazo, mas, para que haja intimidade, as duas pessoas devem estar em pé de igualdade.[205]

3.2 AMOR NA MODERNIDADE LÍQUIDA CONFORME ZYGMUNT BAUMAN

Conforme o Antigo Testamento, todas as boas formas de relações humanas para os israelitas eram louváveis, mas a melhor relação humana é entre o homem e a mulher, um "amor que reúne duas pessoas independentes, sem que sua individualidade seja dissolvida no êxtase".[206] Também é o sentido da passagem de Gênesis 2.24, em que no primeiro plano está a união sexual, que é um sinal da comunhão e da felicidade do casal (se tornam um), mas, antes de se tornarem um, deixaram para trás suas famílias, pois se amam. E, onde dois se tornam um só corpo, surge o núcleo de uma nova família.[207]

Diferente do propósito de Deus para o amor conjugal e para os relacionamentos em geral, é o amor líquido.[208] Observa-se que a evolução da sociedade abalou profundamente a estrutura familiar, fazendo com que a convivência entre homem e mulher se tornasse desprotegida, pois "como é que duas pessoas estão em condições de constituir uma comunhão pessoal, quando quase não falam uma com a outra devido aos inúmeros afazeres profissionais e extradomiciliares?"[209]. O que preocupa não é apenas o alto número de divórcios, mas os casamentos onde não há edificação e comunhão de vida entre os cônjuges.[210] Bauman afirma que nem no amor e nem na morte pode-se penetrar duas vezes, e que não se pode aprender a amar assim como não se aprende a morrer. No momento chegado, o amor e a morte atacarão, sempre pegando as pessoas desprevenidas,[211] de modo semelhante a Ct 8.6. É possível que alguém se apaixone mais de uma vez, e muitos se gabam ou se queixam de apaixonarem-se e desapaixonarem-se. Isso algo que pode acontecer de maneira muito fácil,[212] mas não é amor.

Em nossa época, algumas pessoas tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida. Não garantem que o amor que vivenciam atualmente é o último, e têm expectativa de viverem outras experiências, como a que estão vivendo, no futuro, pois "a definição romântica do amor como 'até que a morte nos separe' está decididamente fora de moda".[213] O desaparecimento dessa noção significa a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de amor. Além disso, os conjuntos de experiências às quais se refere com a palavra amor expandiram-se muito: noites avulsas de sexo são chamadas de "fazer amor".[214] As muitas experiências amorosas alimentam a convicção de que amar é uma habilidade que pode ser adquirida e que o domínio dessa habilidade aumenta com a

205 STAPLETON, Jean; BRIGHT, Richard. In: CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 235.
206 GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1981, p. 58.
207 GERSTENBERGER, 1981, p. 58.
208 Conforme Zygmunt Bauman, a "fluidez" é a qualidade de líquidos e gases, e que os distingue dos sólidos. Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Além disso, os fluidos não fixam o espaço nem prendem o tempo e se movem facilmente, não são facilmente contidos, contornam alguns obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza. Por isso, considera-se "fluidez" ou "liquidez" como metáfora adequada na história da modernidade. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad Plinio Augusto de Souza Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 7-9.
209 GERSTENBERGER, 1981, p. 60.
210 GERSTENBERGER, 1981, p. 61.
211 BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 17.
212 BAUMAN, 2004, p. 18-19.
213 BAUMAN, 2004, p. 19.
214 BAUMAN, 2004, p. 19.

prática. As pessoas acreditam que as habilidades do fazer amor crescem com o acúmulo de experiências; acreditam que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que se vive atualmente, mas não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois.[215]

Na cultura consumista como a nossa, se "favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro".[216] Aprender a arte de amar é uma promessa falsa que deseja ser verdadeira, de construção de experiências amorosas semelhantemente a outras mercadorias: promete-se desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. Contudo, sem humildade e sem coragem, não há amor, pois são duas qualidades exigidas em alta escala e de forma contínua.[217]

O amor pode ser atemorizante como a morte, mas há uma diferença entre amor e morte semelhante a que existe entre atração e repulsa. A tentação de apaixonar-se é grande, e assim também é a atração de escapar, pois o fascínio da procura de uma rosa sem espinhos não está longe e é difícil de resistir.[218] Porém, o amor é a vontade de cuidar e de preservar, é contribuir para o mundo, é o estímulo de proteger, alimentar, abrigar. Amar diz respeito à carícia, ao afago, ao mimo, ao ciúme no sentido de guardar e cercar. Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem.[219]

Na atualidade, não se compra mais para satisfazer um desejo, mas sim por impulso.[220] Isso acontece nos relacionamentos e parcerias sexuais, pois seguir os impulsos é deixar as portas abertas para novas possibilidades românticas que podem ser mais satisfatórias e completas. Quando se deixa guiar pelo impulso, segue-se o padrão do shopping center na parceria; esta deve ser consumida instantaneamente e usada uma só vez, sem preconceito, ou seja, é algo descartável.[221] Acerca disso, Baumann ainda discorre que

> consideradas defeituosas ou não 'plenamente satisfatórias', as mercadorias podem ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais, mesmo que não haja um serviço de atendimento ao cliente e que a transação não inclua garantias de devolução do dinheiro. Mas, ainda que cumpram o que delas se espera, não se imagina que permaneça em uso por muito tempo. Afinal, automóveis, computadores, ou telefones celulares perfeitamente usáveis, em bom estado e em condições de funcionamento satisfatórias são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que 'novas e aperfeiçoadas versões' aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento. Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra?[222]

Isso se difere do amor, pois, quando se ama, destaca-se *um* outro de todo mundo, transformando-o em alguém bem definido, que possui uma boca que se pode ouvir e com quem é possível conversar, e isso significa tornar o futuro indefinido.[223]

Em nossa época, fala-se de casais semisseparados (CSS), chamados de revolucionários do relacionamento, que "romperam a sufocante bolha do casal",[224] seguindo cada um seu próprio caminho. Seu convívio matrimonial é em tempo parcial, pois "odeiam a ideia de compartilhar o lar e as atividades domésticas, preferindo manter domicílios, contas bancárias e círculos de amizade separados, e estarem juntos quando estão a fim".[225] Observa-se que o casamento ao estilo antigo "até que a morte nos separe" foi substituído e desestabilizado pela coabitação "vamos ver como funciona"[226] ou "vamos ver se dá certo", que reflete a temporalidade dos relacionamentos.

A busca por relacionamentos temporários apenas para satisfação sexual não é muito diferente do alcoolismo e do vício em drogas, pois, tal como estes é intenso, transitório e periódico, que tende a ser uma união apenas ilusória e frustrante porque é separada do amor.[227] Conforme Fromm, "o sexo só

215 BAUMAN, 2004, p. 19.
216 BAUMAN, 2004, p. 22.
217 BAUMAN, 2004, p. 22.
218 BAUMAN, 2004, p. 23.
219 BAUMAN, 2004, p. 24.
220 BAUMAN, 2004, p. 26.
221 BAUMAN, 2004, p. 27.
222 BAUMAN, 2004, p. 28.
223 BAUMAN, 2004, p. 36.
224 BAUMAN, 2004, p. 53.
225 BAUMAN, 2004, p. 53.
226 BAUMAN, 2004, p. 54.
227 BAUMAN, 2004, p. 62.

pode ser um instrumento de fusão genuína (...) graças a sua conjunção com o amor",[228] mas o significado de sexo seguro dentro do casamento foi reduzido ao uso de preservativos, para que se possa buscar uma sexualidade desenfreada sem ter de lidar com os resultados indesejados.[229]

Vive-se no mundo em que o casamento praticamente já não é uma opção a ser cogitada; vive-se junto por um tempo e, quando "não dá certo", separa-se. Cada um procura outro parceiro a fim de experimentar um "amor" melhor do vivera com o parceiro passado. Não se tem em vista um relacionamento duradouro, e isso é preocupante também dentro das igrejas. Além do número de divórcios, há muitos casais que apenas vivem juntos sem estarem casados civilmente; nem se casa para ser mais fácil a dissolução do relacionamento, pois não se precisa passar pela burocracia do divórcio. Afinal, o casamento é apenas um pedaço de papel para muitas pessoas, e não um relacionamento íntimo e duradouro, que provém da instituição divina.

3.3 O AMOR QUE NUTRE O CASAL VEM DE DEUS

Diante da realidade do Brasil e do mundo como um todo em que se busca por relacionamentos descartáveis, que servem apenas para suprir os próprios interesses, pergunta-se o que é o amor, que é descrito no livro de Cantares como forte como a morte e que nenhuma adversidade poderia apagar e extinguir esse amor. Já que praticamente tudo é descartável, deve-se lembrar de que nada pode comprar o amor (Ct 8.7.b). Por isso, os relacionamentos não devem ser descartáveis.

Crê-se que, para ter-se um relacionamento de amor verdadeiro, devem-se instruir as crianças e adolescentes de que os relacionamentos não são descartáveis. Isso é um desafio, pois, muitas vezes, vivem em um lar em que isso se mostra. Devem-se instruir os jovens para que escolham com cuidado os futuros cônjuges, para que possam viver o amor conjugal que foi planejado por Deus.

É de grande importância preparar-se para o casamento. Acredita-se que grande parte dos divórcios poderiam ser evitados se houvesse um cuidado com os noivos já antes do casamento. É importante a conscientização antes da escolha de um companheiro, mas, da mesma forma, ressalta-se a importância do cuidado com os noivos, porque, muitas vezes, estão preocupados com a festa de casamento em si, sem preocuparem-se com o casamento propriamente dito.

Para realizar o curso de noivos, seria interessante e importante usar-se o livro de Cantares, pois tem-se uma comunicação franca e aberta entre os cônjuges e fala de aspectos importantes da sexualidade dentro do casamento. Percebe-se que falta uma comunicação entre os cônjuges, porque apenas a comunicação franca e aberta que pode conduzir a um amor vivido e experimentado de forma sólida e plena no casamento. Collins afirma que o aconselhamento antes do casamento (ou curso de noivos) é eficaz, melhora os casamentos e reduz a incidência da desintegração familiar e do divórcio, mas que não existe evidência suficiente para indicar se esta conclusão à qual ele chegou é de fato verdadeira.[230]

Além disso, também seria muito bom estudar o livro de Cantares nos grupos de casais. Abordam-se muitos outros temas, que também são relevantes, mas esquece-se de que há um livro na Bíblia que aborda sobre questões conjugais, especialmente o amor conjugal e a sexualidade. Deve-se enfatizar que o amor deve ser buscado em Deus; somente ele pode nos dar o amor, porque é amor (1 Jo 4.7-8).[231]

Observa-se que, muitas vezes, a vida "espiritual" é separada da vida conjugal, ou seja, a maioria das pessoas acham que o casamento é uma parte da vida em que Deus não se faz presente ou que não se pode buscá-lo. Contudo, percebe-se que os casais que oram e leem a Bíblia juntos, tendem a permanecer unidos e a crescer em intimidade.

228 FROMM, Erich. In: BAUMAN, 2004, p. 63.
229 BAUMAN, 2004, p. 68-69.
230 COLLINS, 1992, p. 139.
231 "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor." (ARA)

O livro de Cantares tem seu lugar na Bíblia, mesmo que, por muitos, seja considerado menos espiritual. Não é preciso ser materialista para perceber que a fome e o amor são as maiores necessidades do ser humano e que eles têm um papel fundamental, mesmo quando permanece a verdade de que "nem só de pão viverá o homem",[232] e nem só de amor. No que se refere ao poder e felicidade do amor, observa-se uma forte tendência de retirar tudo isso do relacionamento com Deus.[233] Pensa-se que Deus não se importa conosco nas questões que se referem ao casamento.

O autor que nos presenteou com essa poesia, trazendo o amor o lugar ao qual pertence, não sendo uma falsa vergonha ou um desejo desenfreado. O amor é uma capacidade e força que o Criador colocou em sua criação, que fez como homem e mulher (Gn 1.27). A alegria e a felicidade nele contidos são um dom que Deus deu ao homem para que ele tenha satisfação e comunhão com o seu semelhante (com a sua correspondente conforme Gn 2.18) e que inunde de gratidão e brilho ao cônjuge, a quem esse amor é dirigido. A força criadora de Deus e sua bondade são a origem do amor, por isso, ele tem tão surpreendente poder e é forte como a morte.[234]

Atualmente, há uma crise do casamento e da vida familiar, pois a instituição do casamento está sendo desafiada cada vez mais. Os índices de divórcio, abandono da família, espancamento da esposa, abuso de crianças, delinquência juvenil, suicídio, tédio, sofrimento e infelicidade conjugal evidenciam que o casamento, em sua definição e prática tradicional, é uma experiência que traz dano à pessoa. Outra questão que afeta o casamento, é que, no passado, havia papéis definidos do ser marido e ser esposa, mas, na atualidade, houve uma mudança profunda no papel, relacionamento e identidade de mulheres e homens, e essas mudanças abalam e desintegram os casamentos tradicionais.[235]

Os relacionamentos, em geral, não são fáceis quando se tem dificuldade de abrir mão de algumas coisas. É necessário sacrifício de ambas às partes, mas não se torna algo pesado quando ambos buscam um relacionamento com Deus e quando ambos fazem tudo com amor. Quando o amor que une o homem e a mulher vem de Deus, tem poder inseparável, e manifesta-se mais forte do que todas as forças contrárias e obstáculos externos que ameaçam o amor (conforme o v. 7a). Na Bíblia, não há uma promessa de que Deus transformará o lar em paraíso, mas o ser humano é colocado em uma rede de relacionamentos para que possa desenvolver cada vez mais humanidade para benefício próprio e dos demais. Com isso, o lar será um lugar de descanso, amor, satisfação e desafios, quando houver dedicação, trabalho e o esforço necessário para tal.[236]

Pergunta-se pelo papel que o pastor ou a igreja possuem no noivado e casamento, e espera-se simplesmente, que se faça algo em relação a isso. Contudo, não se pode ficar esperando por casais que queiram apenas uma cerimônia, mas deve-se iniciar um acompanhamento desde cedo para que não casem apenas motivados pela paixão, mas que tenham uma decisão consciente pelo casamento e pelas implicações que isso trará. Por isso, há importância nos cursos para noivos, para que entendam seu papel na sociedade, como cristãos. O acompanhamento pastoral não deve ser apenas até o casamento, mas deve ser permanente.

Sabe-se que o casamento passa por crises e diferentes fases. Para isso, os casais devem estar preparados, para que não vejam o divórcio como uma saída fácil e rápida para acabar com os problemas. Na verdade, muitas vezes, não se sabe que o divórcio é um processo muito difícil e para que este seja evitado é necessário que se dedique tempo ao cônjuge e que se aprenda a ouvir e a perdoar. Além disso, o mais importante acima de tudo é o amor. Para que o ouvir e o perdoar façam parte da vida do casal, é importante que se ame um ao outro, e que esse amor seja cultivado diariamente, pois assim ele se torna forte como a morte e não é destruído por forças exteriores.

A Igreja também possui a responsabilidade de oferecer ajuda para que o propósito de Deus para o casamento seja concretizado. Não se pode simplesmente considerar o divórcio como algo normal,

232 Mateus 4.4
233 LAMPARTER, 1988, p. 126.
234 LAMPARTER, 1988, p. 126.
235 CLINEBELL, 2007, p. 237.
236 MALDONADO, Jorge. **O ciclo vital da família**: noivado e casamento. Curso número 3. Trad Carlos Tadeu Grzybowski. Curitiba: EIRENE, 2003, p. 121.

achando que apenas é um processo de ensaio. Deve-se destacar o papel da fé como base do casamento e como ajuda para a reparação das crises. Deve-se procurar uma saída para uma possível reconciliação entre os cônjuges quando estes veem o divórcio como única saída, mas, se for irreversível, deve-se buscar o melhor para que haja o menor dano possível à família, principalmente quando há filhos.

CONCLUSÃO

A partir das pesquisas realizadas, observa-se que o propósito original de Deus para o casamento cada vez mais tem perdido o significado na sociedade em que se vive. Deus fez tudo formoso e maravilhoso e institui o plano sublime do casamento. Cada vez menos pessoas sabem que Deus foi quem institui o casamento e que ele se importa conosco até em questões bem pessoais, como é o caso do casamento. Isso também pode ser percebido, pois o livro de Cantares encontra-se no cânon da Bíblia.

Deus planejou o casamento desde a criação, ele criou uma correspondente para o homem, alguém que pudesse estar com ele e auxiliá-lo. Por detrás do casamento há um processo que faz parte do ciclo da vida. Um dos primeiros passos é deixar, e isso implica em deixar o aconchego do lar e construir sua própria vida junto de outra pessoa. Em seguida, deve-se unir ou colar-se a outra pessoa, o que não é algo tão simples, mas vai sendo construído diariamente com base no amor. Por isso, em casos de divórcio, machuca-se, porque é como se duas folhas de papel, antes coladas uma na outra, fossem rasgadas uma da outra; ambas deixam alguns pedaços de papel no outro, que são as dores que o divórcio traz. O outro passo é se tornar uma só carne, que também pode ser explicado pelo exemplo anterior, que vai muito além da relação sexual e abrange a vida como um todo. Quando se vive a partir do que a Bíblia ensina, não se quer dizer que o casamento será perfeito, mas será melhor, pois os conflitos são resolvidos de forma sábia.

Perceberam-se muitas coisas interessantes nos poemas egípcios e mesopotâmicos, que fizeram refletir sobre como a cultura oriental pensa e realiza o casamento de forma diferente que a ocidental. Observa-se como, para eles, a sexualidade não era um tabu, antes era algo maravilhoso e que deveria ser vivenciado, principalmente dentro do casamento, pois os mesopotâmicos também utilizavam a sexualidade nos cultos de ano novo, por exemplo. Os israelitas não viam a sexualidade como algo diabólico, mas a viam como algo maravilhoso que Deus concedeu ao casal para a felicidade do casamento. Ouve-se, muitas vezes, que a partir do pecado a sexualidade entrou no mundo, como algo diabólico, mas ela foi pensada pelo Criador antes mesmo da queda. É algo que vem da boa criação de Deus para que o casal possa desfrutar, no casamento.

No livro de Cantares, observa-se que a sexualidade é algo maravilhoso, pois os noivos não têm vergonha de demonstrar o quanto amam um ao outro e de descreverem a beleza um do outro. Pode-se pensar que esse amor é só da lua de mel, mas é o que pode ser vivido diariamente, através do diálogo sincero e através de elogios que se pode fazer ao cônjuge diariamente. Há crises, momentos em que não se concorda com o cônjuge, ou momentos em que se fica magoado, mas pode haver diálogo e perdão. Mesmo com essas questões não tão boas que podem ocorrer no casamento, podem-se encontrar motivos para elogiar o cônjuge, para que se sinta amado e assim o amor mantém-se vivo até que a morte os separe.

Diante da realidade de tantos casamentos desfeitos e de tantas pessoas infelizes no casamento, pergunta-se: como se pode viver o amor no casamento? O amor que vem de Deus e que une o homem e a mulher tem poder inseparável, e manifesta-se mais forte do que todas as forças contrárias e obstáculos externos que ameaçam o amor. No casamento deve haver dedicação, trabalho e esforço para que o amor seja vivido de forma plena, ou seja, um amor indestrutível, que é forte como a morte e que as muitas águas não podem apagar, nem os rios afogar.

Pode-se perceber que o livro de Cantares é um instrumento importante para os cursos de noivos (ou o aconselhamento antes do casamento) e para os grupos de casais. Obviamente, também se pode estudá-lo em grupos de Estudo Bíblico, mas seria uma ferramenta muito importante para o casamento e que, muitas vezes, é deixada de lado por não ser de tão fácil compreensão em virtude das metáforas existentes. Observa-se no livro de Cantares, a partir do diálogo aberto e franco que o casal realiza, que os dois conversam e exaltam a beleza um do outro. Além disso, pode-se ver o espaço que se dá para a mulher no relacionamento, pois, muitas vezes, têm-se a concepção errônea de que a esposa deve obedecer ao marido.

Crê-se que o casamento é um processo, que, vivido a partir do propósito bíblico, torna-se um processo de intimidade, aprendizado e crescimento mútuos, e se desenvolvem de forma que ambos se compreendam melhor e satisfaçam as necessidades um do outro. O casamento é algo muito formoso e maravilhoso, criado por Deus, para a felicidade de homem e mulher! Basta que a sua Palavra transforme a cada um para que ambos vivam o melhor de suas vidas ao lado de seu cônjuge amado.

REFERÊNCIAS

ARCHER Jr, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. Trad Gordon Chown. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ASSUMPÇÃO, Wanda de. **...E os dois tornam-se um**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1988.

BALLARINI, Teodorico et al. **Os livros poéticos**: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad Plinio Augusto de Souza Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENTZEN, Aage. **Introdução ao Antigo Testamento**. Vol 1. 5. ed. São Paulo: ASTE, 1968.

BÍBLIA Missionária de Estudo: Antigo e Novo Testamento. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: SBB, 2014.

BRASIL. Cidadania e justiça. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/casamentos-crescem-e-brasil-tem-1-1-milhao-de-unioes-em-2014>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BRASIL. Cidadania e justiça. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/em-10-anos-taxa-de-divorcios-cresce-mais-de-160-no-pais>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BRÄUMER, Hansjörg. **Gênesis**. Vol 1. Curitiba: Esperança, 2016.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante, 1992.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos**: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

CÓDIGO CIVIL. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc66.htm>. Acesso em: 10 mai. 2017.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

DIREITO NET. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/5938/O-Novo-Divorcio-Emenda-Constitucional-no-66-2010>. Acesso em: 10 mai. 2017.

DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. Vol 1. São Paulo: Vida Nova, 1991.

EATON, Michael A.; CARR, G. Lloyd. **Eclesiastes e Cantares**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?**: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. **Mulher e homem**. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel**: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. São Paulo: Teológica: Loyola, 2005.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: A.D. Santos, 2012.

HARRIS, Laird R. et al. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Trad Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOLLADAY, William L. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=RGC278&t=casamento-conjuges- solteiros>. Acesso em: 10 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=RC55&t=separacoes-judiciais>. Acesso em: 10 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=RGC300&t=separacoes-judiciais>. Acesso em: 10 mai. 2017.

JENNI, Ernst. **Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament**. Band 2. München: Chr. Kaiser, 1984.

LAMPARTER, Helmut. **Das Buch der Sehnsucht**: Das Buch Ruth - Das Hohe Lied - Die Klagelieder. 3. ed. Stuttgart: Calwer Verlag, 1988.

LUTHER, Martin. **Martinho Lutero**: obras selecionadas. Vol 8. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

MALDONADO, Jorge. **O ciclo vital da família**: noivado e casamento. Curso número 3. Trad Carlos Tadeu Grzybowski. Curitiba: EIRENE, 2003.

NOTÍCIAS R7. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/casamentos-aumentam-e-divorcios-caem-no-brasil-aponta-ibge-24112016>. Acesso em: 10 mai. 2017.

PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. **Comentário Bíblico Moody**: Josué a Cantares. Vol 2. São Paulo: Batista Regular, 2001.

RAVASI, Gianfranco. **Cântico dos Cânticos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

RÖSEL, Martin. **Panorama do Antigo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário Bíblico hebraico-português**. Trad Ivo Storniolo, José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

SELLIN, Ernst; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Vol 2. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

STADELMANN, Luís I. J. **Cântico dos Cânticos**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 1998.

STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides Martins. **Como ler o Cântico dos Cânticos**: o amor é uma faísca de Deus. São Paulo: Paulinas, 1991.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

VEJA. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/ibge-brasileiro-esta-se-casando-mais-mas-uniao-dura-menos/>. Acesso em: 10 mai. 2017.

WESTERMANN, Claus. **O Livro de Gênesis**: um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

WIEDEMANN, Amanda B. **A questão do gênero na literatura egípcia do IIº milênio a.C**. 2007. 358 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983.